

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

SAMUEL HENDERSON DE FARIA SANTOS

**LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DO SETOR BANCÁRIO E PRÁTICAS
ESPACIAIS DOS USUÁRIOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ NO INÍCIO DO
SÉCULO XXI**

Campos dos Goytacazes

2020

SAMUEL HENDERSON DE FARIA SANTOS

**LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DO SETOR BANCÁRIO E PRÁTICAS
ESPACIAIS DOS USUÁRIOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ NO INÍCIO DO
SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Bruno Santos

Campos dos Goytacazes

2020

SAMUEL HENDERSON DE FARIA SANTOS

**LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DO SETOR BANCÁRIO E PRÁTICAS
ESPACIAIS DOS USUÁRIOS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ NO INÍCIO DO
SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Bruno Santos

Data da defesa: 28 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Bruno Santos (Orientador) – UFF

Profa. Dra. Maria do Socorro Bezerra de Lima - UFF

Profa. Dra. Ana Paula Serpa Nogueira de Arruda- UCAM

Campos dos Goytacazes
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem Ele, eu não seria nada, é da minha fé em Deus que encontro forças e motivação para tentar ser todos os dias melhor do que ontem.

Agradeço a minha família, especialmente a minha mãe Rosângela, fonte de inspiração e amor, que me proporciona apoio e ensinamentos que levarei para toda a vida e a meu pai, Saulo, que me ensinou a importância da disciplina e da coragem para enfrentar os grandes desafios que a vida traz. Mas também para a minha família de Campos dos Goytacazes que me acolheu e que me preenche diariamente com doses de amor e companheirismo, em especial pela Dona Cátia, uma mulher forte que considero como minha segunda mãe.

Agradeço ao meu grande amor, Anayara, pois sem ela não conheceria a cidade de Campos e não estaria apresentando este trabalho de conclusão de Curso, a mais de 1.200km de Brasília. Agradeço por ter te conhecido e ter você como minha grande companheira nessa caminhada. Agradeço pelo apoio incondicional, pelos momentos de reflexão, motivação e aconselhamentos. Mesmo quando eu pensava em desistir, sempre estava do meu lado me ajudando a ser uma pessoa melhor e um geógrafo melhor. Obrigado por todo apoio, amor, carinho e por acreditar em mim.

Agradeço aos meus colegas de turma pelos bons momentos durante a graduação, pelas conversas, debates, trabalhos de campo. Todos me acrescentaram algum conhecimento durante os anos que passamos praticamente todos juntos nas mesmas disciplinas. Porém, destaco aqui uma amizade que a UFF me deu e que levarei para a vida que é do meu grande amigo Bruno Campos. Agradeço pela amizade, pelo apoio e pelas incansáveis conversas sobre Geografia, me acrescentando conhecimentos que sozinho eu não alcançaria.

Agradeço a Universidade Federal Fluminense e a FAPERJ, por me proporcionarem todas as condições necessárias para a minha formação, seja pelos ensinamentos dos excelentes professores que não formam apenas profissionais, mas também pessoas com senso crítico e com sede de fazer o mundo um lugar melhor. Pela estrutura dos núcleos de estudos, em especial os dois núcleos presentes na minha formação: o NEEPG e o NERU, todos os colegas e professores foram essenciais para a minha formação. À FAPERJ

agradeço pela possibilidade de poder realizar minha iniciação científica, me motivando e enxergando em mim potencial para realizar a pesquisa que resultou neste trabalho.

Agradeço por último, porém não menos importante, ao meu orientador Leandro Bruno Santos, que não considero apenas um orientador, mas considero um grande amigo. Agradeço por acreditar em mim desde o começo da minha graduação e por ser um exemplo em quem me espelho quando penso em um geógrafo, o senhor é uma grande inspiração para mim e espero ter sempre seu apoio e orientação na minha caminhada acadêmica. Agradeço pelas incontáveis orientações e aconselhamentos não somente sobre a vida acadêmica, mas sobre a vida como um todo. Você me motiva e me mostra que a excelência deve ser buscada todos os dias, para sermos pesquisadores e pessoas melhores. Obrigado!

RESUMO

A sociedade enfrentou grandes mudanças durante o século XX, especialmente no que se refere à organização econômica, social e técnica. As empresas passam a se articular de maneira diferente de um molde fordista e, a partir dos anos 1970, se organizam de maneira descentralizada, porém conectada por meio das redes. Com o setor bancário não foi diferente, as agências e as sedes se alteram tanto no que diz respeito às suas formas quanto à sua espacialidade em múltiplas escalas. Os avanços da estrutura técnica que permitem os bancos se desconcentrarem e se espalharem pelo território são concomitantes às principais mudanças no capitalismo, que busca, por meio dos avanços das redes, aumentar seu alcance e circulação. Este trabalho tem como recorte analítico compreender quais são as lógicas locais dos grandes bancos e suas implicações nas práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, tendo como recorte temporal de meados dos anos 2000 até 2020. Para levar a cabo desta pesquisa, realizamos levantamentos bibliográficos sobre as transformações do sistema capitalista, o setor bancário no Brasil e a expansão urbana de Campos. Além disso, levantamos e sistematizamos dados fornecidos secundários (Banco Central e Federação Brasileira de Bancos) e primários de pesquisas de campo. Nossos principais resultados mostram uma tendência nacional de diminuição das agências, algo que também se reflete em Campos dos Goytacazes, onde as agências estão situadas nas centralidades mais rentáveis para os bancos, principalmente por estarem próximas ao centro e aos eixos de circulação da cidade.

Palavras-chave: Setor Bancário; Redes; Lógicas de localização; Práticas espaciais; Centro e centralidade; Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT

Society faced major changes during the 20th century, especially with regard to economic, social and technical organization. Companies started to articulate in a different way from a Fordist mold and, from the 1970s onwards, they organized themselves in a decentralized way, but connected through networks. The banking sector was no different, agencies and headquarters are changing both in terms of their forms and their spatiality on multiple scales. The advances in the technical structure that allow banks to deconcentrate and spread throughout the territory are concomitant with the main changes in capitalism, which seeks, through the advances in networks, to increase its reach and circulation. This work has the analytical focus to understand what are the locational logic of the big banks and their implications on the spatial practices of users of banking services in the city of Campos dos Goytacazes / RJ, with a time cut from the mid 2000s until 2020. In order to carry out this research, we carried out bibliographic surveys on the transformations of the capitalist system, the banking sector in Brazil and the urban expansion of Campos. In addition, we collected and systematized secondary data (Central Bank and Brazilian Federation of Banks) and primary data from field research. Our main results show a national downward trend in branches, something that is also reflected in Campos dos Goytacazes, where branches are located in the most profitable centralities for banks, mainly because they are close to the city center and circulation routes.

Keywords: Banking Sector; Networks; Location logic; Spatial practices; Center and centrality; Campos dos Goytacazes.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1- Localização de Campos dos Goytacazes/RJ.....	12
Figura 2 - Quantidade de correspondentes no Brasil 2005 a 2020.....	38
Figura 3 - Transações por meio presencial 2010-2018.....	39
Figura 4 - Transações por meio não-presencial 2010-2018	39
Figura 5 - Localização das áreas de concentração selecionados na cidade de Campos dos Goytacazes.....	45
Figura 6 - Delimitação da direção da expansão urbana a Oeste do Centro de Campos	51
Figura 7 - Organização do setor bancário em Campos dos Goytacazes - 2007 a 2020.....	55
Figura 8 - Organização do setor bancário em Campos dos Goytacazes por bairro - 2007 a 2020	56
Figura 9 – Distribuição das agências bancárias em 2007.....	57
Figura 10 – Distribuição das agências bancárias em 2020.....	57
Figura 11 - Pessoas que utilizam ou não o mobile banking	60
Figura 12 - Agência Itaú Centro de Campos/RJ.....	61
Figura 13 - Agência Caixa Centro de Campos/RJ.....	61
Figura 14 - Agência Santander na rua 13 de maio, Campos/RJ	62
Figura 15- Itaú Personalité Pelinca.....	63
Figura 16 - Santander Select Pelinca.....	64
Figura 17 - Agência Bradesco na Av. 28 de Março. Campos/RJ.....	65
Figura 18 - Agência Caixa na Av. 28 de Março. Campos/RJ	66
Figura 19 - Agência Caixa Jardim Carioca. Campos/RJ	67
Figura 20 - Agência Itaú Goitacazes. Campos/RJ.....	68
Figura 21 - Posto de atendimento Bradesco Goitacazes. Campos/RJ.....	69
Figura 22 - Localização dos caixas eletrônicos (Banco24h) em Campos dos Goytacazes	71
Figura 23 - Alcance das agências bancárias em Campos dos Goytacazes	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Expansão do sistema bancário: 1941-1985	30
Tabela 2 - Evolução do número de sedes e agências bancárias no Brasil, 1941-2005.....	32
Tabela 3 - Quantidade de agências e sedes dos anos 2006-2020	35
Tabela 4 - Quantidade de municípios com atendimento bancário no país	41
Tabela 5 - População total, urbana e rural de Campos dos Goytacazes (1970-2010).....	49

LISTA DE ABREVIATURAS

ARPA	Agência de Projetos de Pesquisa Avançada
ATM	Associação Brasileira de Normas Técnica
BACEN	Banco Central do Brasil
BC	Idem
BCB	Idem
PA	Posto de Atendimento
PAA	Posto de Atendimento Avançado
PAB	Posto de Atendimento Bancário
PAE	Posto de Atendimento Eletrônico

SUMÁRIO

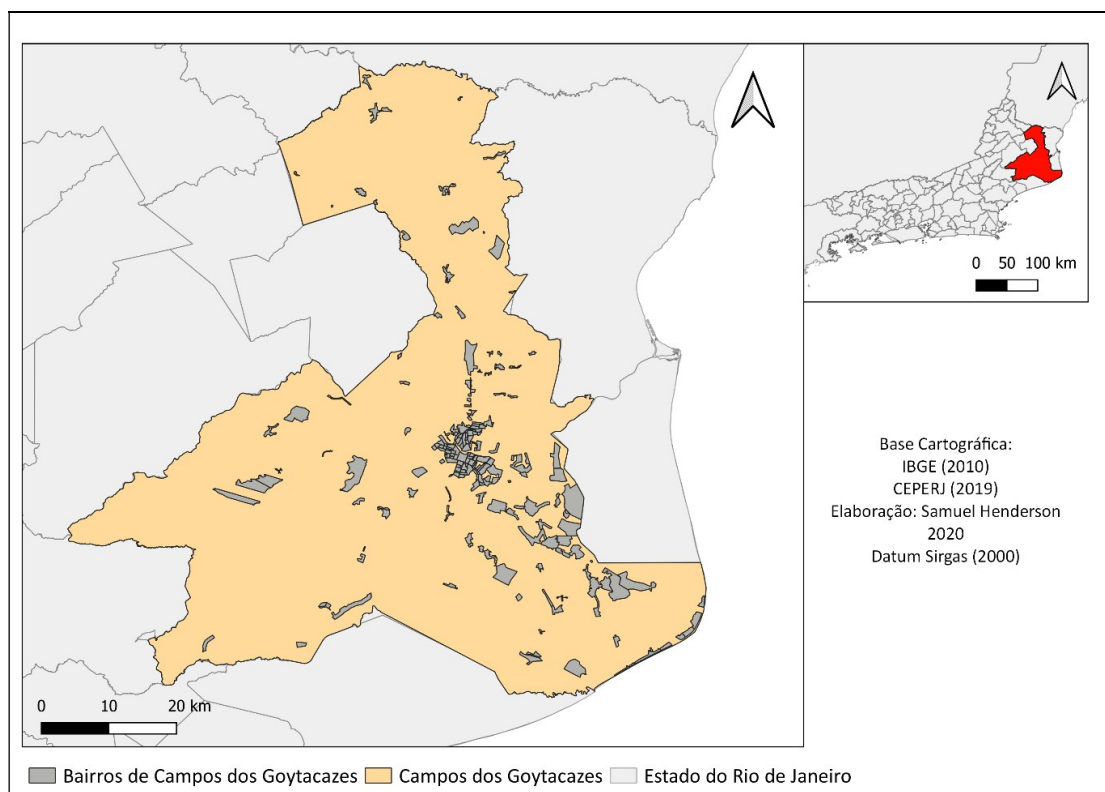
INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1 - AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XX E SEUS IMPACTOS NA ORGANIZAÇÃO-MUNDO	17
1.1 As transformações do século XX: do fordismo ao meio técnico-científico-informacional	17
1.2 A importância do conceito de rede para compreender o período de globalização e os avanços do setor bancário.....	23
Capítulo 2 - ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DO SETOR BANCÁRIO AO LONGO DO SÉCULO XX E XXI.....	28
2.1 O início da rede bancária brasileira – do final do século XIX ao final do século XX	28
2.2 O período recente do setor Bancário Brasileiro – 2006 até os dias atuais.....	35
Capítulo 3 - CAMPOS DOS GOYTACAZES: DA UNICENTRALIDADE A MULTI(POLI)CENTRALIDADE.....	43
3.1 Centro, centralidade e práticas espaciais em Campos dos Goytacazes	43
3.2 Expansão urbana em Campos dos Goytacazes – da unicentralidade a Multi(poli)centralidade	48
Capítulo 4 - LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO DE CAMPOS E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS USUÁRIOS	54
4.1 Setor bancário em Campos dos Goytacazes: da concentração a dispersão concentrada	54
4.2 Práticas espaciais e perfil dos usuários dos serviços bancários em Campos.....	58
Considerações finais	73
Referências	76
Apêndice	78

INTRODUÇÃO

As grandes transformações do capitalismo a partir do século XX trazem consigo diversas mudanças, tanto sociais, econômicas, políticas e principalmente espaciais. As mudanças espaciais dizem respeito às novas formas de produzir o espaço e estabelecer relações sobre o mesmo, especialmente com os avanços técnicos da rede. Com os bancos não será diferente, o setor bancário brasileiro irá passar por diversas transformações, alterando o modo como se espacializam, as formas das agências e sua organização como instituição. Essas mudanças serão possibilitadas principalmente pelos avanços técnicos da rede, que proporcionarão condições que anteriormente impossibilitavam a sua expansão por todo o território nacional.

Este trabalho é resultado de estudos e pesquisas sobre como podemos analisar um fenômeno que é mais geral, a modernização do setor bancário e suas lógicas de localização, porém em uma escala menor, na escala da cidade de Campos dos Goytacazes (figura 1). A multiescalaridade é de extrema importância para a geografia, pois um fenômeno não acontece de maneira isolada, desassociada das demais escalas que se insere, porém, ao mesmo tempo, isto não anula as particularidades de cada lugar, que é o que veremos no recorte espacial escolhido.

Figura 1- Localização de Campos dos Goytacazes/RJ



Campos dos Goytacazes é uma importante cidade do Estado do Rio de Janeiro, localizada no norte fluminense. É o maior município do Estado no que se refere à extensão territorial, contando com uma área de 4.032,487 km² e população estimada de 507.548 habitantes em 2019 (IBGE, 2020). Possui importância de destaque na rede urbana do Estado e, principalmente, na região norte e noroeste fluminense, por ser a principal cidade da rede, desempenhando um relevante papel de centro econômico, populacional, educacional, por meio da oferta de diversos serviços, entre os quais destacamos os bancários, que são o foco da nossa pesquisa.

A partir da delimitação do nosso recorte espacial, teremos o recorte temporal que será foco deste trabalho, que é o período recente, abrangendo de meados dos anos 2000 até o ano de 2020. O período escolhido não é por acaso, ao contrário, é durante estes anos que podemos notar mudanças nas lógicas (mais gerais, presentes em outras escalas) e estratégias espaciais (mais específicas, relacionadas às práticas espaciais nas escalas intraurbanas) do setor bancário. Esperamos aportar elementos que permitam compreender as lógicas e estratégias espaciais que surgem especialmente no começo dos anos 2000 em Campos dos Goytacazes e como elas refletem fenômenos multiescalares, processos mais amplos existentes no setor bancário, porém considerando as particularidades da cidade de Campos.

O principal objetivo subjacente a este trabalho é compreender as lógicas locais do setor bancário, ou seja, por que os bancos escolhem determinados locais para se instalarem e não outros, vendo de maneira crítica como as agências se espacializam no espaço intra-urbano da cidade, muitas das vezes reforçando desigualdades espaciais historicamente existentes, frutos de uma expansão urbana desordenada e desigual, que privilegia até os dias de hoje os lugares centrais, próximos aos centros e ignora a área periférica aos centros. Além disso, o trabalho busca trazer algumas respostas para a compreensão das práticas espaciais dos usuários, qual o perfil do usuário dos serviços bancários em Campos dos Goytacazes, de onde ele vem, como chegam às agências, a escolaridade, a renda, e questões sobre a utilização de novas tecnologias, principalmente o *mobile banking*.

A fim de atingir os objetivos propostos, procedemos, inicialmente, à etapa do levantamento bibliográfico, de modo a reunir elementos para a compreensão das principais mudanças na sociedade durante o século XX, particularmente os avanços técnicos e seus impactos sobre o setor bancário, usando como principais referências autores como Milton

Santos, David Harvey, Manuel Castells, Ron Martin, Fabio Contel, Leila Dias, Sandra Videira e Lobato Corrêa. O levantamento bibliográfico foi importante para entendermos não apenas as mudanças mais gerais do sistema capitalista e as transformações técnicas durante o século XX, como também as mudanças no setor bancário e nas suas lógicas de localização. Neste caso, autores como Leila Dias, Sandra Videira, Juliana Oliveira, Fabio Contel, Lobato Correa, entre outros, foram fundamentais. Sobre a discussão sobre centro e centralidades e práticas espaciais temos como principal referência os trabalhos de Maria Encarnação Beltrão Sposito e Lobato Corrêa.

Para entendermos melhor o nosso recorte espacial, realizamos levantamento bibliográfico a respeito da expansão urbana da cidade de Campos dos Goytacazes, levando em conta os sucessivos processos históricos que engendraram a produção do espaço urbano, usando como principais fontes os trabalhos de autores como Henrique Batista, Kêila Freitas, Teresa Peixoto Faria, Glaucia Oliveira Claudio e Leandro Bruno Santos. A partir deste levantamento e sistematização bibliográfica, reunimos elementos para compreender a expansão urbana, o centro e as centralidades e como os bancos se beneficiam e estabelecem estratégias de localização na cidade de Campos dos Goytacazes.

Além do levantamento bibliográfico, para uma melhor compreensão das principais mudanças no período mais recente, especialmente no período recente após os anos 2000, foi imprescindível a busca por fontes de dados em organizações e instituições que compilam informações do setor bancário brasileiro. Nesse caso, fizemos a coleta de dados especialmente dos dados abertos do Banco Central do Brasil (BCB) e da Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN).

Após a coleta de dados secundários, foram feitas observações de Campo, que proporcionaram os resultados que obtivemos ao longo da pesquisa de iniciação científica durante o ano de 2019 e início de 2020. Para realizarmos as etapas de observação e aplicação dos questionários para obtermos respostas sobre as práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários, nos baseamos principalmente no trabalho de Oliveira (2015), que traz uma discussão próxima à realizada neste trabalho, principalmente por discutir o setor bancário e suas lógicas de localização nas cidades médias de Presidente Prudente e São José do rio preto, ambas no Estado de São Paulo. A partir da metodologia adotada pela autora, podemos nos nortear e adaptá-las ao nosso trabalho.

Primeiramente, optamos por uma observação aleatória, em que realizamos a observação dos fluxos de entrada de pessoas nas agências bancárias nas cinco principais

centralidades selecionadas, sendo elas Centro histórico de Campos, Pelinca, Turf, Guarus e Goitacazes. Também aproveitamos para, além de captar os fluxos, observar o entorno das agências, especialmente a presença de equipamentos urbanos, estabelecimentos comerciais e de serviços, entre outros. Foram feitas observações em caderno de campo e registros fotográficos.

A observação aleatória consistiu em observar durante 20 minutos, em dois intervalos de 10 minutos, a quantidade de pessoas que entravam nas agências, com o intuito de captar o fluxo de pessoas nas agências bancárias. Para um melhor resultado, fizemos um sorteio usando o site www.sortear.net, no qual foi realizado o sorteio do horário que ia de 10:00 da manhã até todas as agências completarem 20 minutos de observação (duas observações de 10 minutos). O modelo de ficha de observação está presente no anexo deste trabalho.

A partir da observação foi possível estabelecer o total de pessoas que entravam nas agências e, a partir disto, determinar quantos questionários seriam necessários para obtermos respostas viáveis para traçarmos perfis sobre os usuários dos serviços bancários em Campos dos Goytacazes. No total, observamos 1.514 pessoas no período de 20 minutos, 698 de 1514 se concentraram no centro, 400 na Pelinca, 142 no Turf (28 de Março), 119 em Goitacazes e 155 no Jardim Carioca. A partir destes valores foi possível estabelecer, de maneira proporcional, a quantidade de questionários necessários para atender os padrões estabelecidos, adotando 90% de confiabilidade e uma margem de erro de 7%, em que chegamos ao valor de mínimo de 126 questionários, porém foram aplicados 142. Os questionários foram aplicados majoritariamente na terceira semana dos meses de novembro, dezembro de 2019 e janeiro de 2020. Foram aplicados 60 questionários no centro, 38 na Pelinca, 17 no Turf, 18 em Guarus e 9 em Goitacazes.

Com os resultados da pesquisa de campo foi possível obter respostas pertinentes às práticas dos usuários dos serviços bancários, principalmente no que se refere às principais operações realizadas nas agências, de onde as pessoas vêm e como vêm (meios de transportes utilizados), com que frequência se dirigem às agências, seus bairros de origem, a renda e a escolaridade etc. com o intuito de compreender melhor as diferenças entre as agências e o público que as mesmas atendem.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro diz respeito às principais mudanças na estrutura do sistema de produção capitalista no século XX, subdividido em uma seção sobre as mudanças mais gerais, de organização social, econômica e técnica

durante todo o século XX, com enfoque especial nos anos 1970, que é um marco do novo período informacional e das grandes mudanças na espacialização das grandes empresas. A segunda seção deste capítulo trata da importância das redes para compreender as principais mudanças técnicas a partir dos anos 1970 e seus impactos na organização espacial, principalmente do setor bancário, que é um dos principais beneficiados pelos avanços técnicos e, ao mesmo tempo, um dos maiores propulsores dos avanços técnicos das redes.

O segundo capítulo aborda as principais mudanças do setor bancário, os primórdios dos serviços bancários no Brasil, a passagem para o surgimento das primeiras redes nacionais, o período de início da expansão do setor bancário, principalmente no século XX. A grande expansão bancária após as regulamentações estatais nos anos 1960 e o período mais recente, especialmente após os anos 2000.

No terceiro capítulo, realizamos discussões sobre centro, centralidade, práticas espaciais e como estes conceitos são chave para a compreensão da expansão urbana em Campos dos Goytacazes, por isso, o capítulo é intitulado como Campos Dos Goytacazes: da unicentralidade a multi(Poli)centralidade.

Já o último capítulo tem como principal objetivo trazer os resultados da pesquisa e reflexões sobre os resultados obtidos, principalmente no que diz respeito às lógicas de localização dos bancos na cidade e sobre as práticas espaciais dos usuários dos serviços bancários.

Capítulo 1 - AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XX E SEUS IMPACTOS NA ORGANIZAÇÃO-MUNDO

Neste capítulo, discutiremos questões pertinentes e iniciais que tratam das principais transformações econômicas, políticas e sociais ao longo do século XX, especialmente a passagem de um modelo de desenvolvimento fordista - com uma estrutura social pautada no consumo em massa, espacialmente marcada por grandes plantas industriais e com uma divisão de tarefas em linha de produção definida - para uma organização totalmente flexibilizada, espacialmente desconcentrada, ligando os lugares que outrora não se conectavam através da rede, marcado pela terceirização e precarização do trabalho. Além das mudanças mais gerais na sociedade, discutiremos também a importância do conceito de rede para entendermos as grandes transformações durante o século XX.

1.1 As transformações do século XX: do fordismo ao meio técnico-científico-informacional

A multidimensionalidade é uma das facetas da geografia, quando falamos de um fenômeno que ocorre no espaço geográfico, este é necessariamente multiescalar, como afirma Ron Martin:

Uma geografia econômica multidimensional procuraria oferecer uma análise dos diferentes níveis ou campos do processo econômico e as maneiras pelas quais estes campos interagem para produzir uma configuração específica de desenvolvimento desigual (MARTIN, 1994. p.56)

Mais adiante, o autor também acrescenta que este desenvolvimento desigual é dado pela interação entre os diversos níveis econômicos, que abrangeriam do indivíduo até a economia global ou mundial. Desse modo, cada lugar ou região se modelaria e teria sua própria configuração de desenvolvimento desigual. Sob essa perspectiva, é notório que as mudanças mais gerais do capitalismo influenciam as demais escalas, porém em cada local com suas particularidades. Com o sistema bancário não é diferente, mas, antes de adentrarmos especificamente na evolução do setor bancário no Brasil e no modo como ele se organiza espacialmente ao longo dos séculos XX e início do século XXI, é necessário entender quais foram essas mudanças no sistema capitalista em geral e quais foram as principais mudanças sociais, espaciais, econômicas etc. promovidas por essa alteração durante o século XX.

Como marco inicial, temos o início dos anos 1900, as primeiras décadas desse século foram marcadas por um modelo de desenvolvimento de produção fordista, ou seja, uma divisão do trabalho que determinava uma separação do trabalho em linhas de montagem com trabalhadores especializados, uma grande produção em série, com grandes plantas industriais e um sistema de salários e jornadas de trabalho que tornavam, ao mesmo tempo, o trabalhador num consumidor.

Porém, este sistema começou a apresentar limitações, especialmente no período de grande recessão do capitalismo durante os anos 1930, e é nesse período que o Estado passa a intervir para controlar a crise econômica causada pelo crack da bolsa de valores em 1929. David Harvey elucida esse momento de grande crise e marcado pelas duas grandes guerras como uma retomada do consumo e da produção, buscando manter tanto o sistema econômico como prestar assistência para a sociedade:

[...] o Estado se esforçava para controlar ciclos econômicos com uma combinação apropriada de políticas fiscais e monetárias no período pós-guerra. Essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público - em setores como o transporte, os equipamentos públicos etc. - vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno. Os governos também buscavam fornecer um forte complemento ao salário social com gastos de seguridade social, assistência médica, educação, habitação etc. (HARVEY, 2006, p.129)

Esse período, após a intervenção estatal, ficou conhecido como Welfare State ou Estado de bem-estar social; para fazer a engrenagem capitalista continuar girando, o Estado precisava promover ações para manter assistências sociais, o emprego e o consumo em massa. Usando a linguagem da escola regulacionista, um modelo de desenvolvimento, além de um regime de acumulação (lógica e leis que regem as condições de produção – produtividade, mecanização, importância dos ramos) e condições sociais da produção – consumo, investimentos, despesas do governo etc.), exigia um modo de regulação (mecanismos de ajuste aos princípios coletivos), quer dizer, um papel direto do Estado (LIPIETZ, 1991).

Todavia, todo modelo de desenvolvimento sob o sistema capitalista está suscetível a crises e com o modelo de bem-estar social não foi diferente, a grande *rigidez* (HARVEY, 2006) do sistema fordista e de ações keynesianas, como é afirmado por David Harvey, já demonstrava, em meados dos anos 1960, a incapacidade do modo de produção vigente se manter e, após a crise do petróleo, se tornava cada vez mais emergente a *flexibilidade* para o sistema capitalista superar a crise (HARVEY, 2006. p.136)

Essa flexibilidade do sistema capitalista é chamada pelo autor de acumulação flexível:

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 2006, p.140)

Essa grande alteração no paradigma capitalista vigente buscava trazer mais flexibilidade, sendo marcado por algumas características principais, entre elas: novas formas de consumo; novas formas de produção, especialmente por estoques menores; uma grande desconcentração espacial dos processos produtivos, aumentando os alcances através da conexão pelos transportes, demandando uma grande mudança técnica e de infraestrutura para engendrar essa flexibilidade necessária para o capitalismo.

O Estado, outrora um dos principais agentes responsáveis pelo bem-estar social da sociedade, torna-se o grande desregulador, proporcionando as condições necessárias para a maior flexibilidade e circulação desse sistema que agora se torna global, não no sentido de uma aldeia global onde não há mais fronteiras e todos vivem globalizados, mas sim em um sentido de que agora as grandes empresas podem, por meio da evolução técnica, se apropriar de espaços que outrora não seriam viáveis, seja pela grande quantidade de mão-de-obra barata, recursos, incentivos fiscais etc.

A uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que nesse nível guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias. Cada lugar, porém, é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Assim se redefinem os lugares: como ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo uma gama de classificações que está se ampliando e mudando (SANTOS, 1994, p. 6).

O que Milton Santos chama a atenção vai ao encontro do que evidenciado no início deste capítulo, a necessidade de se entender a geografia como multidimensional, já que, no modo de produção capitalista de produção vigente, as relações são multiescalares, interação entre escalas, do local ao global.

Como mostrado nos parágrafos anteriores, de maneira mais geral, temos mudanças estruturais no capitalismo, perpassando de um sistema de produção fordista, durante o início do século XX, em meados do século assistimos ao Welfare State, com a intervenção estatal para fazer com que a grande engrenagem capitalista não parasse. Contudo, a partir dos anos 1970, essa mesma engrenagem apresenta uma grande rigidez, o que demanda uma flexibilização e um maior alcance do capitalismo. Porém, sabemos que o sistema capitalista não é somente um sistema econômico, logo seus impactos não serão apenas econômicos.

Além das mudanças sociais, seja no modo de organização do trabalho, que passa a ser menos regulamentado, com o aumento de terceirizações, jornadas maiores, com menos direitos e o enfraquecimento dos sindicatos, com a busca de locais com a mão-de-obra mais barata, assistimos também mudanças técnicas, a partir do surgimento de novos equipamentos e do melhoramento de equipamentos já existentes, como meios de transporte como embarcações, trens, aviões, além do aprimoramento e surgimento de novas formas de se transportar informações e valores.

O que estas mudanças tanto econômicas, sociais, técnicas têm em comum é que elas se dão sobre o espaço ou meio, entendemos que o espaço é por excelência o objeto de estudo da Geografia e por este motivo se faz necessário um enfoque maior e dedicação para entender como se dão as grandes mudanças do sistema capitalista sobre o mesmo. Então, antes de partirmos para uma análise das mudanças técnicas que foram demandadas e ao mesmo tempo facilitadoras das mudanças mais gerais da nossa sociedade, é preciso definir o que entendemos como Espaço,

Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p.23).

Ao longo do tempo, a relação entre os objetos e ações se intensificam no sentido que os objetos são cada vez mais técnicos, dotados de um discurso e intencionalidade e as ações se tornam cada vez mais racionalizadas (SANTOS, 2008). Essa intensificação do meio é chamada de meio técnico-científico-informacional,

Temos de um lado um novo sistema técnico hegemônico, e, de outro, um novo sistema social hegemônico, cujo ápice é ocupado pelas instituições

supranacionais, empresas multinacionais e Estados, que comandam objetos mundializados e relações sociais mundializadas. O resultado, no que toca ao espaço, é a criação do que chamamos meio técnico-científico e a imposição de novo sistema da natureza (SANTOS, 2008, p. 20).

O que podemos compreender é que, a partir de um novo paradigma no que diz respeito ao funcionamento do sistema capitalista, temos uma nova forma de se compreender o meio,

É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização (SANTOS, 2008, p. 24-25).

Mas, de maneira exemplificada, o que marcaria essa grande mudança a partir dos anos 1970 e quais seus impactos sobre a sociedade e posteriormente ao objeto deste trabalho que são as instituições bancárias? Pois bem, dialogando com a importância do que Milton Santos chama de Meio técnico-científico-informacional, Castells (1996) exemplifica com a grande revolução técnica dos microcomputadores, o surgimento da internet e outras mudanças técnicas após o período pós-guerra do século XX, o grande momento onde se alteram formas anteriores de se entender a informação, expandindo os panoramas de possibilidade de circulação do sistema capitalista.

No primeiro capítulo da obra a sociedade em rede, Manuel Castells chama a atenção para a revolução tecnológica, evidenciando grandes descobertas e feitos durante o pós-guerra, “porém, defende que, de fato, só na década de 1970 as novas tecnologias da informação difundiram-se amplamente, acelerando seu desenvolvimento sinérgico e convergindo em um novo paradigma” (CASTELLS, 1996, p. 76) Ele destaca três principais mudanças neste período, em campos diferentes da tecnológica que se relacionam, a microeletrônica, os computadores e as telecomunicações.

O avanço tecnológico da microeletrônica no processo de fabricação de componentes de microeletrônica era assustador, a demanda por componentes mais baratos e avançados, circuitos internos que custavam cerca de 50 dólares em 1962 caiu para apenas um 1 dólar em 1971 (CASTELLS, 1996, p.77). O referido autor destaca o grande avanço da microeletrônica, o que possibilitou a difusão de fato foi a invenção do microprocessador.

O avanço gigantesco na difusão da microeletrônica em todas as máquinas ocorreu em 1971 quando o engenheiro da Intel, Ted Hoff (também do vale do Silício), inventou o microprocessador, que é o computador em um único chip (CASTELLS, 1996, p. 77).

A revolução dos microprocessadores possibilitou o que o autor chama de “revolução dentro da revolução”, já que computadores que outrora pesavam toneladas foram se tornando cada vez mais compactos, com a criação do Altair, em 1975, que posteriormente serviu de inspiração para o apple I e apple II, microcomputadores que tiveram boas vendas. (CASTELLS, 1996, p. 79). A grande corrida tecnológica entre empresas que estavam alinhadas com serviços militares estatais promoveu grandes mudanças tecnológicas em um curto espaço de tempo, proporcionando conexões entre pontos cada vez mais longínquos em espaço de tempo cada vez menores, e para isso foi necessária também uma grande revolução nas telecomunicações. “As telecomunicações também foram revolucionadas pela combinação de “nós” (roteadores e computadores eletrônicos) e novas conexões (tecnológicas de transmissão)” (CASTELLS, 1996, p. 81).

Uma das criações que proporcionou essa grande combinação foi a da internet. A internet surgiu em decorrência de um projeto militar estatal, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), ligada ao departamento de defesa dos EUA (CASTELLS, 1996, p. 82). A primeira rede de internet chamada ARPANET era estritamente militar, porém, com o passar do tempo, acabou separando a rede de computadores de defesa ARPANET e para fins científicos a MILNET. Todavia, ao longo dos anos 1970 até os anos 1990, a internet não era algo totalmente difundido na sociedade em geral, foi apenas após grandes estudos e incrementos a esta rede de computadores, a qual era estritamente militar, que se tornou comercial (após privatizações) e através do salto tecnológico que os sites passaram da teia da internet ou web como conhecemos, em que as pessoas acessam sites através de links, tornando um sistema mais intuitivo e mais fácil para trocas de informações pelo mundo todo.

Essa aceleração de trocas de informação fez do meio que era técnico-científico ser agora também informacional e cada vez mais intensificado sobre o território. E quais seriam as vantagens dessas mudanças tecnológicas para o setor bancário? Fábio Contel converge com a visão de Castells e de Milton Santos no que diz respeito à capacidade dos agentes financeiros hegemônicos de se beneficiarem das mudanças técnicas sobre o território, quando afirma que

O sistema bancário brasileiro foi talvez o principal beneficiário da introdução dos sistemas técnicos informacionais no território. Dada a enorme

quantidade de dados e mensagens que os atores financeiros geram e gerenciam, a passagem de um meio técnico-científico, para um meio técnico-científico informacional aumentou sensivelmente a produtividade e a eficiência das ações bancárias no território. Tanto no que diz respeito ao “fazer cotidiano” das agências, quanto na formação das primeiras redes bancárias nacionais, as técnicas da informação permitiram aos bancos e demais atores financeiros o início de sua hegemonia no comando do território (CONTEL, 2009, p.2).

Videira (2009) explicita os impactos de se ter um território dotado de um meio técnico-científico-informacional, destacando a aceleração deste novo período após anos 1970:

Num momento em que a história do capitalismo vem caracterizando-se pela aceleração do ritmo de vida, de tal maneira que parece que o espaço se encolheu sobre nós, conforme Harvey (1992), é chegando também um momento relevante para a Geografia tomar como tarefa todos esses apontamentos da “compressão tempo-espaço”, visto que as noções de tempo e espaço se modificam em virtude da agilização de pessoas, capitais, mercados, ideias, tecnologias, imagens e informações (VIDEIRA, 2009, p. 67).

Concordando tanto com a ideia de Fabio Contel e Sandra Videira, vemos que, a partir dos anos de 1970, temos uma noção de aumento da velocidade do tempo sobre o espaço, assistimos a um encurtamento do espaço-tempo e o setor bancário é um dos grandes beneficiados por essa nova configuração territorial, pois, aliado a um espaço informatizado e dotados de redes técnicas, temos a possibilidade de uma maior capilaridade e alcance das atividades financeiras sobre o território. Por isso, antes de adentrarmos à análise das mudanças territoriais do setor bancário brasileiro ao longo do século XX, precisamos reunir elementos sobre o conceito de rede.

1.2 A importância do conceito de rede para compreender o período de globalização e os avanços do setor bancário

A rede é um conceito chave para assimilarmos melhor o período de globalização que começa após os anos de 1970 e caminha a passos largos nos dias atuais por conta da crescente informatização. Quando pensamos em velocidade ou fluxo, pensamos em redes, sejam elas redes de transporte, de informação, de serviços, de capital etc. Rede prediz movimento. Como já discutido anteriormente que o enfoque da geografia é o espaço geográfico, é necessário compreender que as redes se estabelecem sobre um lugar, de maneira

seletiva, onde um espaço será abarcado e outro não, logo as redes também são desiguais e podem reforçar ainda mais desigualdades espaciais já existentes.

O que podemos entender como rede? Sandra Lúcia Videira traz, em um subcapítulo da sua obra *Globalização Financeira*, sobre como o conceito de rede é antigo e destaca as mais diversas definições e abordagens do conceito: “O termo rede é antigo, assim como a preocupação em entender suas implicações ou influências sobre a organização do território” (VIDEIRA, 2009. p.74).

Um bom ponto de partida para entendermos o conceito de rede no enfoque deste trabalho é o trazido por Corrêa, para quem a rede geográfica seria “[...] o conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxos” e, mais adiante, explicita que as redes geográficas também são sociais: “As redes geográficas são redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida” (CORRÊA, 2012, p. 200). Como bem destacado pelo autor, as redes geográficas são sociais, ou seja, constituídas através de relações humanas, são históricas, mutáveis ao longo do tempo, mas seu principal ponto é que são especializadas. Sobre a passagem de uma rede social para uma rede geográfica, temos a seguinte reflexão: “A passagem de uma rede social para uma rede geográfica se dá quando assim a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade, expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas” (CORREA, 2012, p. 201).

A partir do entendimento do que é uma rede geográfica, o autor supracitado acrescenta a importância da rede urbana, que pode ser entendida como:

Ressaltaremos aqui a mais significativa das redes geográficas, a rede urbana, definida pelo conjunto de centros urbanos articulados entre si. Considerada como uma síntese, se não de todas, de muitas e muitas redes geográficas cujos nós e fluxos específicos iniciam-se, finalizam ou passam pelas cidades – redes ferroviárias, de uma bacia leiteira, dioceses, dos bancos, dos partidos políticos, dos órgãos públicos e das grandes corporações – a rede urbana pode, assim, ser vista como a rede-síntese das demais redes geográficas, sendo ela própria uma rede geográfica (CORRÊA, 2012, p. 204-205).

Ou seja, na rede urbana vemos um grande conjunto de redes geográficas, o que nos permite uma análise territorial através da rede; no caso deste trabalho, podemos ver as diversas redes geográficas: dos bancos, dos transportes, técnicas etc. se alteram ao longo dos anos, pois, como bem afirmado por Corrêa (2012), as redes geografias são mutáveis por serem sociais e históricas.

Já nas dimensões de análise, ou seja, como podemos analisar as redes geográficas, o autor traz basicamente três dimensões: a organizacional, a temporal e a espacial. Dentro de cada uma delas há mais possibilidades de análises:

No que tange à dimensão organizacional, sugeriu-se que se considerassem os agentes sociais (Estado, empresas, instituições e grupos sociais), a origem (planejada ou espontânea), a natureza dos fluxos (mercadorias, pessoas, informações), a função (realização, suporte), a finalidade (dominação, acumulação, solidariedade), a existência (real, virtual), a construção (material, imaterial), a formalização (formal, informal) e a organicidade (hierárquica e complementaridade). A dimensão temporal, por sua vez, envolveria o conhecimento da duração (longa, curta), da velocidade dos fluxos (lenta, instantânea) e da frequência (permanente, periódica, ocasional). Finalmente, a dimensão espacial abrangeria o conhecimento da escala (local, regional, nacional, global), da forma espacial (solar, dendrítica, circuito, barreira) e das conexões (interna e externa) (CORREA, 2012, p. 205).

Pensando nas dimensões de análise, podemos considerar pontos sobre as redes bancárias no Brasil e mais localmente em Campos dos Goytacazes, perpassando pelas três dimensões, a organização, a temporalidade e a espacialidade deste tipo de rede geográfica.

Leila Dias também traz importantes análises sobre o conceito de rede e sua importância para o debate geográfico. A autora destaca que uma das propriedades da rede é a conectividade: “A primeira propriedade das redes é a conectividade – qualidade de conexo -, que tem ou em que há conexão ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência, como sugere Raffestin” (DIAS, 2000, p. 148). Adiante a autora destaca que, ao mesmo tempo em que a rede pode conectar em um sentido de solidariedade, também pode excluir. Sobre a exclusão e diferenciação, podemos entender, de maneira mais aprofundada, as diferenciações a partir do momento que as redes se tornam cada vez mais técnicas e informatizadas, especialmente após os anos de 1970, com as redes de telecomunicações.

As qualidades de instantaneidade e de simultaneidade das quais são dotadas as redes de telecomunicações deram livre curso a todo um jogo de novas interações. Os bancos são doravante um elemento-chave de integração do território e de articulação deste mesmo território à econômica internacional. [...] Ao contrário de uma posição muito divulgada, o espaço não se tornou uma noção em desuso ou desprovida de sentido, tampouco qualquer coisa de indiferenciado ou homogêneo. A comunicação entre parceiros econômicos – à montante e à jusante -, graças às novas redes é acompanhada de uma

seletividade espacial. A importância estratégica da localização geográfica foi, de fato, ampliada (DIAS, 2000, p. 150).

Podemos concluir, a partir da ideia dos avanços das redes, que a importância do espaço não entra em desuso ou esquecimento, na medida em que o espaço se torna cada vez mais importante e as estratégias locais são cada vez mais seletivas. Os bancos se fazem presente tanto como principal fator de integração do território nacional e também como um dos principais usuários das redes de telecomunicação e beneficiários das diferenciações entre cidades, principalmente pela abertura econômica no país na década de 1990. Dias (2000) destaca que 70% dos bancos estrangeiros se localizavam em São Paulo em 1994, enquanto em 1988, esse percentual era de 52%.

Entendemos que as redes são dotadas principalmente de conectividade e, no período mais recente, que podemos intitular de um período de globalização, notamos a simultaneidade e instantaneidade da rede, porém, isso não significa que o espaço tenha sido superado no sentido do mesmo não importar, ao contrário, o espaço importa cada vez mais, pois a seletividade espacial se torna algo cada vez mais acentuado e reforça desigualdade já existentes e cria novas. Nessa direção, Dias (2000) afirma que a intensificação dos fluxos e das conexões causa ordem e desordem.

À escala planetária ou nacional, as redes são portadoras de ordem – através delas as grandes corporações se articulam, reduzindo o tempo de circulação em todas as escalas nas quais elas operam; o ponto crucial é a busca de um ritmo, mundial ou nacional, beneficiando-se de escalas gerais de produtividade, de circulação e de trocas. Na escala local, estas mesmas redes são muitas vezes portadoras de desordem – numa velocidade sem precedentes engendram processos de exclusão social, marginalizam centros urbanos que tirava sua força dos laços de proximidade e alteram mercados de trabalho (DIAS, 2000, p. 154).

As dimensões de análise das redes geográficas e a noção de rede abordada por Leila Dias nos permitem interpretar o território por meio das redes, como elas se organizam, sua velocidade de circulação e onde as redes se localizam. A partir dessa ideia é possível traçar como o setor bancário vai se organizar territorialmente ao longo dos anos, como se organiza atualmente e criar hipóteses a respeito de possíveis formas de organizações futuras.

Retornando para a contribuição de Sandra Videira, o que nos chama a atenção acerca das redes é a definição de redes técnicas, que, na visão de Videira (2009, p. 80), “são resultados do acúmulo de inovações nas estruturas, nos equipamentos e nos serviços

urbanos e foram surgindo um após as outras em resposta a uma demanda social”. Além disso, traz a questão de que a demanda dos avanços das redes técnicas tinha como objetivo aumentar a velocidade de circulação de pessoas, mercadorias, informações. A autora destaca também que muita dessas demandas eram demandas da burguesia e atendidas pelo Estado (VIDEIRA, 2009).

Vemos, então, uma ideia pertinente para a nossa discussão sobre o setor bancário, o avanço das redes técnicas é uma resposta a demandas de aumento da velocidade de circulação, já que vemos que a organização em rede do setor proporciona alterações de organização territorial, o surgimento de novos nós na rede, o abandono de nós antigos, o aumento da velocidade de circulação de capital, informação etc. ao longo do século XX, algo que será discutido de maneira mais aprofundada no próximo capítulo.

Além disso, poderemos analisar também o período mais recente, especialmente como se alteram as organizações bancárias na cidade de Campos dos Goytacazes, principalmente pelo surgimento de novas centralidades, um espraiamento dos serviços bancários pelo território, porém sempre compreendendo que se trata de um fenômeno espacial que traz consigo, conseqüentemente, as desigualdades presentes na sociedade, seja de alcance das redes, de acesso dos serviços, entre outras questões que serão discutidas nos próximos capítulos.

Capítulo 2 - ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DO SETOR BANCÁRIO AO LONGO DO SÉCULO XX E XXI

Como afirmado na parte introdutória deste trabalho, o enfoque da nossa pesquisa se dá pelo recorte espacial e analítico de Campos dos Goytacazes durante o período recente do século XXI, porém entendemos que vários fenômenos geográficos não ocorrem isolados de escalas maiores/menores. Por isso é necessária uma breve análise do sistema bancário nacional, em especial entender a partir de qual momento saímos de uma organização concentrada nas principais metrópoles para uma integração financeira nacional e até mesmo questionarmos se realmente temos uma integração total do território e quais são os limites da rede bancária no Brasil.

2.1 O início da rede bancária brasileira – do final do século XIX ao final do século XX

Para o debate sobre as mudanças de lógicas do setor bancário, alguns trabalhos nos auxiliaram para a discussão, especialmente com autores como Sandra Videira, Leila Dias, Fabio Contel, Lobato Corrêa. Para iniciarmos a discussão, precisamos estabelecer o primeiro marco temporal e espacial para discutirmos. Contel (2006) destaca que, durante o século XIX, não havia a possibilidade de se pensar em uma rede nacional ou uma estrutura semelhante no que diz respeito aos serviços bancários. Os poucos bancos existentes não possuíam a envergadura necessária para ter uma grande circulação e integração territorial, reflexo das demais redes (in)existentes nesse período, que dificultavam uma circulação acelerada de pessoas, capital, informação sobre o território.

O autor traz o conceito de “regiões monetárias isoladas” para descrever as limitações dos bancos regionais, que atuavam de maneira local ou regional, pois não existia uma instituição monetária central no país e as instituições eram autorizadas a emitirem papéis como títulos e bilhetes bancários, que funcionavam como moedas locais ou regionais (CONTEL, 2006, p. 15). Outro entrave ao amadurecimento do sistema financeiro era que determinadas regiões utilizam agentes financeiros que não eram os bancos para suprir necessidades financeiras como crédito para fazendeiros, vendas e compras de produtos agrícolas, conhecidos como comissários.

Eram os comissários que “faziam a ligação entre os agricultores e o sistema financeiro. Esses homens de negócios enviavam escravos, implementos agrícolas, roupas e alimentos para os agricultores em conta-corrente, para

serem pagos com a venda do café (SCHULTZ, 1996: 49) (CONTEL, 2006, p. 16).

Além disso, Contel destaca também os armazéns, que eram áreas de consumo interno às próprias fazendas, onde Colonos podiam consumir produtos e o valor dos mesmos serem descontados futuramente nos salários, não tendo assim a necessidade da utilização de moeda como circulante monetário.

O marco inicial de um sistema bancário nacional só pode ser pensado após a centralização monetária do país, que ocorreu em 1905. “A re-fundação do Banco do Brasil, no ano de 1905, pode ser considerada como um *evento* significativo, que começa a alterar o padrão de circulação do capital financeiro no território Brasileiro” (CONTEL, 2006, p. 20). Um dos fatos interessantes que estabeleceram a possibilidade de se pensar em uma organização financeira territorial é quando o Banco do Brasil se torna o único banco autorizado a emitir moeda (semelhante à função do Banco Central atualmente).

Este fato interessante vai ao encontro com um dos preceitos para a expansão da rede levantado por Castells: “Redes são estruturas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação” (CASTELLS, 2002, p. 566 *apud* VIDEIRA, 2009, p.79). Em outras palavras, a partir do momento que se estabelece um “mesmo código de comunicação” que, nesse caso especificamente, era uma única moeda no País, é possível começar a se pensar em uma futura expansão territorial das agências pelo Brasil, alavancada pelo Banco do Brasil, porém ainda concentrada às grandes cidades.

Em 1921, porém, já existia uma rede de agências do Banco, em que cada Estado possuía ao menos uma agência e, em 1928, o banco do Brasil já contava com mais de 70 agências distribuídos pelo território nacional (CONTEL, 2006). Era o início de uma nova tipologia de agências que resultaria, futuramente, no banco com maior número de agências no país, fato que permanece até os dias atuais, mesmo no período mais recente de encolhimento dos bancos, no qual o Banco do Brasil é um dos mais afetados.

Corrêa (1989) traz ponderações interessantes no que diz respeito às novas topologias bancárias no Brasil, sobre como o território será apropriado pelas principais instituições financeiras. Explicitando inicialmente a expansão bancária nos anos 1940, salienta que esta se deu muito pelo próprio desenvolvimento capitalista no Brasil, além das altas taxas de inflação que proporcionaram tanto a possibilidade de os bancos realizarem empréstimos com juros acima da inflação quanto a maior captação de depósitos à vista de

usuários dos serviços financeiros, já que a falta de maiores opções de investimento demandava dos bancos uma maior capilaridade para captar esses depósitos.

Com a expansão incipiente dos bancos no país, vemos um perfil de rede bancária marcada por poucas agências¹ e muitas sedes bancárias², como podemos verificar na tabela 1.

Tabela 1 - Expansão do sistema bancário: 1941-1985

Anos	A-Bancos	B-Agencia	B/A
1941	512	1.134	2,2
1952	408	2.614	6,4
1961	333	5.247	15,7
1971	145	7.679	52,7
1985	90	15.070	167,4

Fonte: Corrêa, 1989.

A partir dessa expansão vemos como a capilaridade do setor bancário aumenta exponencialmente ao longo das décadas, saltando de cerca de mil agências e atinge mais de 15 mil agências, porém o que nos chama a atenção é a gestão das agências que segue o caminho inverso, tendendo à concentração em poucas sedes. No ano de 1941, uma sede possuía em torno de duas agências, ao passo que, em 1985, uma sede concentrava em média 167 agências.

Videira (2009) converge com os dados sobre a expansão das agências no território nacional e complementa ainda que não se trata de um fenômeno isolado, mas se assemelha bastante com o que acontece nos Estados Unidos durante período concomitante, apresentando uma pequena diferença temporal nos Estados Unidos por conta do país ter um sistema financeiro mais antigo que o do Brasil. Os motivos da expansão nos Estados Unidos estão centrados principalmente no crescimento dos subúrbios e no afastamento das indústrias das grandes cidades. Já no Brasil, durante o período militar, o governo buscava uma maior integração nacional, espalhando agências pelo território brasileiro, buscando estabelecer uma rede financeira no país, facilitando a própria internacionalização da economia brasileira.

¹ Por agência definimos como espaço físico espalhados pelo país, sob o comando das instituições bancárias e que realizam atendimento e prestação de serviços financeiros aos usuários.

² Já sede bancária corresponde ao edifício sede de onde são tomadas as decisões sobre a instituição financeira. São os centros de gestão dos bancos.

Leila Dias, juntamente com Maria Lenzi, também traz contribuições importantes e que convergem diretamente com as ideias expostas por Videira (2009) no que diz respeito às legislações e ao papel do Estado durante a ditadura militar, especialmente no controle do sistema financeiro e na abertura de agências fora do eixo metropolitano do país (São Paulo e Rio de Janeiro).

O objeto da Lei 4595 é mais do que uma simples reforma bancária: marca o início de um longo processo de integração financeira do território brasileiro, que nos anos seguintes transformaria a geografia dos bancos, pela constituição de grandes redes bancárias em escala nacional. Em menos de dez anos, mais de trezentas resoluções do Banco Central organizam o SFN. Normas são impostas a fim de restringir a concentração de agências nas maiores cidades do país e favorecer a expansão das redes de agências em direção às áreas até então desassistidas (DIAS; LENZI, 2009, p. 99).

Videira (2009) acrescenta outras intervenções estatais para o controle do sistema financeiro durante o início de expansão de agências, dando destaque ao período após a resolução do banco central de 20 de novembro de 1971, que trazia impactos sobre como seria a distribuição das agências sobre o território nacional, já que a resolução vetava a abertura de novas agências no país, a não ser que em troca da abertura de novas agências fossem fechadas agências nas regiões já saturadas. “Diante desta suspensão de abertura de novas agências havia três vias para a expansão da rede bancária: a abertura de agências pioneiras, a instalação de postos de serviços em empresas privadas (PEPs) e as fusões e incorporações” (*Ibid.* p. 179)

As fusões e aquisições neste período vão coincidir com as análises feitas por Corrêa (1989), quando afirma que a gestão territorial se altera, ao passo que em 1961 o Rio de Janeiro possuía 101 das 333 sedes bancárias, porém, como o autor destaca, possuía uma “fraqueza”, ou seja, controlava poucas agências e seus bancos possuíam um caráter mais local e regional. “O Rio de Janeiro, por sua vez, controlava menos de 400 agências. Seus 101 bancos eram relativamente modestos e, de modo geral atuavam apenas no espaço urbano da metrópole do Rio de Janeiro” (CORRÊA, 1989, p. 3). Tal característica se reflete até hoje, pois o Rio de Janeiro é um dos poucos estados que concentram mais agências dentro da capital do que em todos os demais municípios do estado (BANCO CENTRAL, 2020).

Em 1985, temos um cenário totalmente distinto, emergindo as características de um sistema bancário concentrador no que diz respeito à gestão, em que São Paulo, por ser o grande centro econômico do país, se projeta como principal local das sedes bancárias do País, concentrando grande parte dos bancos de maior expressão, ao passo que o

Rio de Janeiro tinha gestão apenas de oito dos 90 bancos, representando menos de 10% do total (*op.cit.* p. 3). Oliveira (2015) traz dados sobre as sedes dos bancos no período mais atual e mostra que, em 2014, São Paulo é o principal centro de gestão financeira do Brasil, na medida em que a cidade possuía 88 sedes e o estado 107 sedes.

A partir da tabela 2, Sandra Videira destaca as principais mudanças no número de bancos e agências, dos anos de 1941 a 2005.

Tabela 2 - Evolução do número de sedes e agências bancárias no Brasil, 1941-2005

ANOS	N.º DE SEDES	N.º DE AGÊNCIAS
1941	512	1.134
1950	413	2.183
1952	408	2.619
1960	338	5.110
1961	333	5.247
1965	331	6.951
1970	178	7.861
1971	145	7.679
1975	106	8.544
1980	111	11.251
1985	107	15.422
1986	107	15.185
1988	106	12.810
1990	215	14.392
1992	231	15.002
1994	244	15.698
1996	246	16.433
1998	210	16.002
1999	193	16.189
2000	192	16.396
2001	182	16.841
2002	167	17.049
2003	165	16.829
2004	164	17.260
2005	161	17.627

Fonte: VIDEIRA, 2009, p. 177

Como podemos notar, em 1941 tínhamos apenas 1.134 agências e 512 sedes e, em 2005, eram 161 sedes e mais de 17 mil agências, claramente há um movimento duplo de

concentração em poucos bancos, porém uma pulverização do número de agências pelo país, como bem afirma Corrêa quando chama o processo como Concentração-dispersão (VIDEIRA, 2009). Grande parte dos avanços e possibilidades de novas maneiras dos bancos se especializarem sobre o território se dá pelo avanço técnico:

[...] paralelamente ao processo de concentração econômica, ocorria uma expansão territorial sem precedentes, com a multiplicação das agências bancárias em alguns pontos do território, demarcando uma reestruturação espacial do sistema bancário no país que foi possibilitada, sobremaneira, pelo aumento da densificação técnica do espaço, da qual as redes bancárias se beneficiaram amplamente [...] (OLIVEIRA, 2015, p. 22).

A autora supracitada também faz uma importante observação que, por mais que vejamos uma expansão dos bancos sobre o território nacional, essa expansão não ocorre de maneira homogênea e tampouco abarca todos os lugares, tendo em vista que ocorre uma seleção dos locais com mais estruturas técnicas para receber os equipamentos bancários, levando ao reforço em muitos casos das vantagens locais já existentes, em múltiplas escalas, tanto da rede urbana, reforçando hierarquias, assim como no espaço das cidades, criando e/ou reforçando segmentações, desigualdades sócio-espaciais (OLIVEIRA, 2015, p. 22-23).

Dias (2009) destaca o processo de reorganização espacial dos bancos após os anos 1980, especialmente depois do controle inflacionário, em que os altos índices inflacionários possibilitaram aos bancos maiores depósitos e, por isso, a necessidade de estarem em um maior número de municípios pelo país; porém, no período de maior estabilidade da inflação, a rede bancária passava por uma fase de reorganização e maior concentração, reforçando áreas já assistidas por serviços bancários e desassistindo municípios em regiões como o Norte e Nordeste. “Entre 1986 e 1996, os municípios integrados pela rede reduziram-se de 1616 para 1254, e as agências, de 2082 para 1852. A configuração espacial de sua rede de agências em 1996 é distinta e muito mais seletiva do que a que dominou até meados dos anos oitenta” (DIAS, 2009, p. 103).

Um dado importante que podemos ver na tabela é que, no período entre 1996 até início dos anos 2000, ocorre uma queda expressiva no número de bancos, convergindo com o período de grandes privatizações e extinção de bancos públicos. Para amparar a discussão sobre o tema, Fabio Contel (2009) elucida como se dá o processo de privatização dos bancos públicos estaduais e como o mesmo foi amparado nos programas PROES (Programa de Incentivo à Redução do Estado na Atividade Bancária) e PROER

(Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional).

Junto ao plano real, que buscava trazer estabilidade financeira para o país, principalmente pela adoção da nova moeda no país, além do estabelecimento de um ambiente financeiro estável para os agentes econômicos. “Esse raciocínio permite que pensemos no Plano Real como uma estratégia para aumentar a funcionalidade do território brasileiro para os grandes atores da economia global” (CONTEL, 2009, p. 121). As privatizações dos bancos estaduais se tornaram um desses fatores com a adoção de programas específicos para a reestruturação do setor, são eles o PROES e o PROER (CONTEL, 2009)

O PROES era uma alternativa apresentada aos Estados para diminuir seu endividamento, mas, em contrapartida, seria necessária a privatização, extinção ou refuncionalização dos bancos estaduais. Como bem destacado por Contel (2009), na época das privatizações, os bancos públicos eram vistos como um grande empecilho para a resolução da crise fiscal do país e “uma oportunidade de ouro de erradicar essa doença (sic) chamada banco estadual” (FRANCO, 1999 *apud* CONTEL, 2009).

Vários bancos estaduais importantes foram privatizados, como o BANESPA (Banco do Estado de São Paulo), o BANERJ (Banco do Estado do Rio de Janeiro), o BEC (Banco do Estado do Ceará), entre outros. Entre os principais motivos, além do lucro potencial, nos chama a atenção o seguinte ponto:

No que diz respeito à topologia dos bancos em questão, vale lembrar que era bastante interessante a aquisição das instituições financeiras estaduais, pois elas possuíam redes de agências já consolidadas e muito bem distribuídas (tanto nas capitais quanto no interior dos Estados). Por serem redes há tempos construídas, a maior parte das agências desses bancos possui localização privilegiada, seja no que diz respeito à rede urbana de cada Estado, como no próprio tecido urbano das cidades, onde estão instalados os fixos geográficos¹² prestadores de serviços bancários (agências, postos de atendimento, caixas eletrônicos, principalmente) (CONTEL, 2009, p. 124).

Depois de delinear os brevemente em que contexto ocorrem as privatizações dos bancos estaduais, conseguimos compreender que os bancos privados se aproveitam da estrutura já existente dos bancos estaduais e aumentam a concentração bancária do país.

Podemos sintetizar o século XX no que se refere aos serviços bancários da seguinte maneira: O começo do século é marcado por um alcance da rede bancária ainda tímido, limitado a bancos de atuação regional, a partir da adoção de um único banco emissor

de moeda no país, em que é possível se “comunicar com os mesmos códigos” e começamos a ver um banco com atuação em todos os Estados (Banco do Brasil). Em meados do século, tínhamos ainda uma concentração nas grandes metrópoles, com poucas agências por sede, fato que mudará ao longo das décadas, especialmente com as regulamentações do governo militar que incentivava a abertura de agências pioneiras e uma maior integração financeira do território nacional. Já ao longo dos anos 1980 e 1990, a expansão bancária ocorre de maneira seletiva em algumas redes de bancos, sendo “[...] caracterizada pela retração de agências bancárias no interior de todas as macrorregiões e, simultaneamente, expansão nas maiores regiões metropolitanas do país; em outras palavras, uma adaptação espacial às novas condições macro e microeconômicas” (DIAS, 2009, p.115).

2.2 O período recente do setor Bancário Brasileiro – 2006 até os dias atuais

Escolhemos o ano de 2006 como ponto de partida para compreender e estabelecer uma análise da composição bancária mais atual no que diz respeito aos números de agências, sedes, distribuição nas regiões, concentração entre capital e municípios dos estados. Dando continuidade aos dados levantados pela autora, realizamos um levantamento de dados por meio do sistema do Banco Central (podendo ter siglas como BACEN ou BCB) sobre a quantidade de agências e sedes e chegamos aos resultados apresentados na tabela 3.

Tabela 3 - Quantidade de agências e sedes dos anos 2006-2020

Anos	Quantidade de Bancos	Quantidade de Agências
2006	159	18.087
2007	156	18.572
2008	159	19.142
2009	158	20.046
2010	157	19.813
2011	160	21.278
2012	160	22.218
2013	155	22.918
2014	154	23.126
2015	155	22.826
2016	155	22.547
2017	154	21.062
2018	152	20.850
2019	153	19.964
2020	156	19.281

Fonte: BACEN, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

Notamos uma alternância entre aumento e diminuição no número de sedes bancárias, porém nenhum indicador chegou à marca de 2005, que foi de 161 sedes, o que demonstra que o sistema bancário nacional tende à diminuição ou à estagnação do número de bancos, mas nunca a um crescimento vertiginoso do número de sedes. Já quando nos referimos às agências, não temos um crescimento exponencial como aquele do século XX, verificamos um crescimento de 18 mil agências, em 2008, para 23.126 agências, em 2014. A partir de 2014, o panorama é de seguidos decréscimos, chegando a 19.281 agências até o mês de junho de 2020, números semelhantes à organização bancária de 10 anos atrás.

Concomitante ao crescimento das agências, mas em ritmo muito mais acelerado, um novo objeto bancário entre em cena nos anos 2000 para aumentar ainda mais a capilaridade financeira no país e, ao mesmo tempo, trazer novas possibilidades de lucros aos grandes bancos, são os chamados correspondentes bancários³. Dias (2017) discute o avanço dos correspondentes no território brasileiro e como eles influenciam na reorganização espacial do setor bancário.

[...] as grandes redes privadas, como Bradesco, Itaú-Unibanco e Santander não desistiram de seu domínio sobre o espaço, e essa nova geografia não foi tolerada por muito tempo, levando bancos a inventar ou reinventar a figura do correspondente bancário, um objeto híbrido que combina serviço, tecnologia de comunicação e produto, resultado de uma forma superior de inteligência financeira, – como diria Milton Santos (1996) sobre essa capacidade das firmas de inventar novos produtos sob o domínio do capitalismo financeiro (DIAS, 2017, p. 388).

Em um estudo do Banco Central, Loureiro, Madeira, Bader (2016) discutem o período de expansão dos correspondentes bancários entre os anos de 2000 a 2008. Para os autores, os correspondentes bancários [...] “são parcerias entre um estabelecimento comercial, como lotéricas, correios ou farmácias, e uma instituição financeira, na qual o estabelecimento comercial, além de sua atividade principal, oferece serviços dessa instituição” (LOUREIRO; MADEIRA; BADER, 2016, p. 5).

A explicação para tamanha expansão dos correspondentes é a facilidade para sua instalação, pois os bancos utilizam a estrutura já existente no estabelecimento, não há necessidade de vinculação dos funcionários aos sindicatos, como no caso de uma agência tradicional. Além desses aspectos são destacados outros quatro pontos estratégicos dos

³ Correspondente bancário é uma instalação que presta serviços financeiros básicos como saques, depósitos, pagamentos de contas dentro de estabelecimentos como supermercados, farmácias, padarias, etc. as lotéricas também se enquadram na mesma definição.

correspondentes (MAS e SIEDEK, 2008 *apud* LOUREIRO; MADEIRA; BADER. 2016), mas dois deles nos chamam mais atenção. O primeiro deles diz que

Outro papel estratégico é o de atingir novos segmentos de clientes. Como os correspondentes têm menor custo, os bancos poderiam expandir seus serviços para segmentos de clientes que antes não eram lucrativos, como a população de baixa renda nas periferias (LOUREIRO; MADEIRA; BADER. 2016, p. 6-7).

Já o segundo ponto que merece destaque para o debate trata da questão da estrutura necessária para os correspondentes bancários:

Por fim, há a estratégia de se criar um banco sem estrutura própria, terceirizando completamente o contato com os clientes para o estabelecimento comercial. Isso seria o caso para uma instituição que siga uma estratégia de baixo valor agregado e grande volume de serviços, atendendo principalmente clientes de baixa renda (LOUREIRO; MADEIRA; BADER, 2016, p. 7).

Ou seja, o serviço bancário de agência ficaria para serviços com maior valor agregado (LOUREIRO; MADEIRA; BADER, 2016), enquanto aqueles serviços menos complexos seriam direcionados para os correspondentes bancários, marcados por uma maior capilaridade sobre o território. Um fato sobre essa nova modalidade de atendimento bancário é a total terceirização de serviços que outrora era restrito às agências ou postos de atendimento, o que só é possível pelo avanço técnico que possibilita a total desconcentração dos serviços bancários a imagem da agência tradicional.

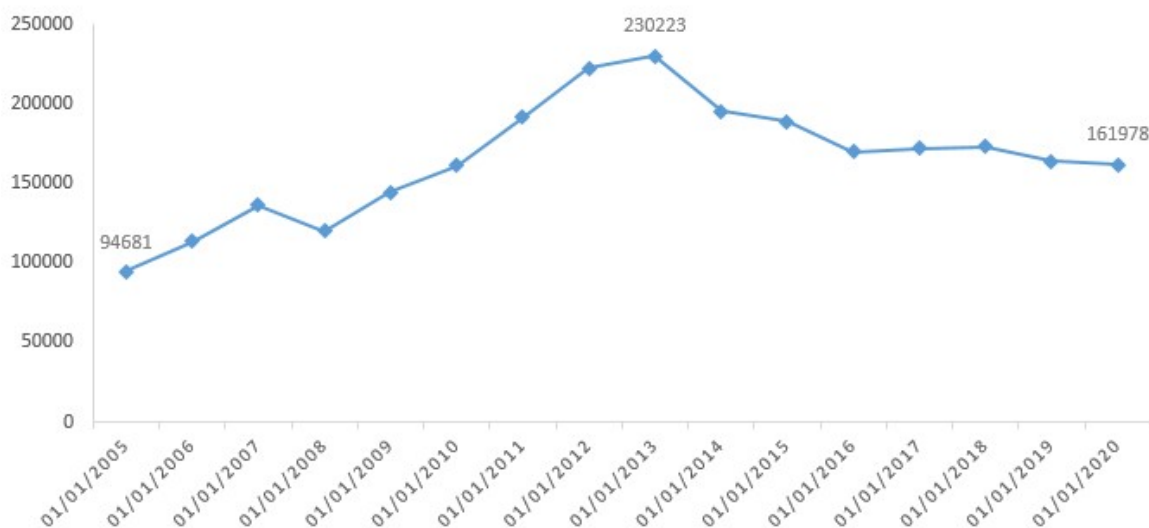
O ponto interessante com relação à localização dos correspondentes bancários, assim como dos caixas eletrônicos (como os do Banco24horas), é que eles exprimem muito mais as necessidades bancárias e centralidades de consumo do que as agências, pois, com a possibilidade de captação de depósitos, saques, consultas, contratação de serviços financeiros etc. em estruturas e processos totalmente terceirizados, as agências se tornam cada vez mais centralizadas aos grandes centros (em todas as escalas de análise, da local à macro) e voltadas aos serviços com maior valor agregado.

Os equipamentos menos complexos e muitos deles contratados pelos próprios estabelecimentos para aumentar o fluxo de pessoas no interior de supermercados, farmácias, padarias, entre outros estabelecimentos, prova que estamos lidando com um sistema que incansavelmente busca novas maneiras de aumentar sua capilaridade e sua velocidade sobre o espaço geográfico, porém se apropriando cada vez mais de estruturas já existentes e se preocupando cada vez menos com a produção de novos fixos bancários. O que

não significa que no período dos anos 2000 não se abram mais agências, mas sim que elas se tornam cada vez mais pontuais e centradas em perfis específicos, como as agências segmentadas para alto padrão, como no caso de Campos dos Goytacazes, algo que discutiremos no capítulo 4.

Contudo, a partir de meados dos anos 2010, verificamos um panorama de novas mudanças no setor bancário, que trazem novas lógicas de localização e espacialização dos objetos bancários. A partir de alguns dados do Banco Central (2020), percebemos que os correspondentes bancários estão diminuindo em número de estabelecimentos (figura 2), seguindo o mesmo padrão das agências que também estão diminuindo. Talvez estejamos conhecendo um novo período de concentração dos equipamentos bancários.

Figura 2 - Quantidade de correspondentes no Brasil 2005 a 2020

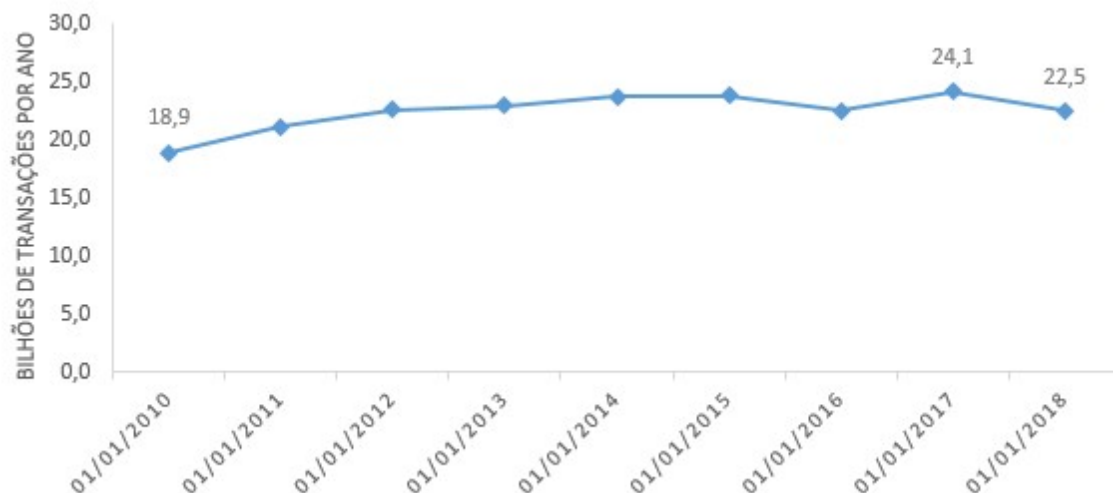


Fonte: BCB, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

Além da diminuição de agências, Correspondentes e Caixas eletrônicos, também verificamos a estagnação e mesmo tendência de diminuição de transações financeiras por meio presencial e um aumento exponencial das transações realizadas por meio não presencial, como podemos ver nas figuras 3 e 4.

Figura 3 - Transações por meio presencial 2010-2018

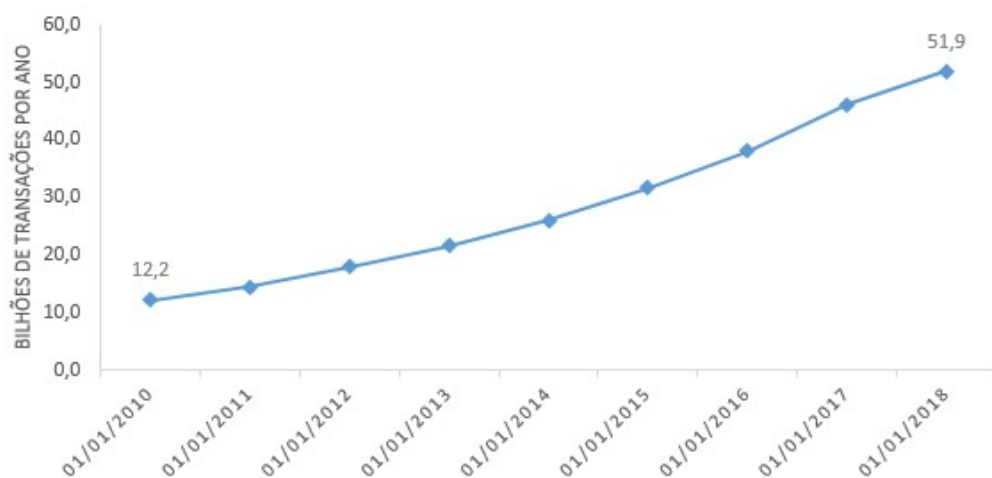


Fonte: BCB, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

* O ano de 2019 está no dado, mas não foi utilizado por não ter dados atualizados até o final do ano

Figura 4 - Transações por meio não-presencial 2010-2018



Fonte: BCB, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

* O ano de 2019 está no dado, mas não foi utilizado por não ter dados atualizados até o final do ano.

As transações por canal não-presencial cresceram de 2010 até 2018 mais de 5 vezes e sua curva demonstra que se trata de um fenômeno com crescimento cada vez maior, levando, inclusive, o atual ministro da economia, Paulo Guedes, a aventar a taxaço das transações por meio digital.

O Brasil daqui um ano vai poder fazer um monte de transação pelo celular. Você não vai mais nem passar em banco, você vai pegar o celular, encostar no do outro cara e transferir dinheiro de um para o outro. Então, como é que você vai tributar essa transação, essa transação digital? Você precisa de

algum imposto. Tem que ter um imposto que tribute essa transação digital. Então, nós estamos procurando essa base", disse o ministro. (UOL/Economia. 18/12/2019. disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/12/18/paulo-guedes-governo-bolsonaro-estuda-imposto-cpmf-transacoes-digitais.htm>)

Em 2020, foi anunciado novo sistema brasileiro de pagamentos, o *PIX*, que tem como proposta trazer uma maior instantaneidade para o sistema financeiro, permitindo a comunicação 24 horas por dia, semana por semana, para pagamentos, transferências etc. (BCB, 2020). Fatores que fazem com que a rede bancária brasileira aumente sua capilaridade, com nós cada vez menores, porém em maior quantidade, chegando à escala do indivíduo, o banco se torna um aplicativo que conecta o usuário diretamente a todos os serviços como um banco que não possui nenhuma agência, se utilizando de toda a estrutura já existente e/ou criando novas estruturas que permitam o seu pleno funcionamento.

Por mais que não seja o enfoque do nosso trabalho, são questões importantes que necessitam de uma maior investigação, pois se faz necessário compreender quais são as estruturas por detrás dos bancos digitais, como os bancos tradicionais estão se transformando com o período recente de digitalização, como a sociedade brasileira, marcada por uma extrema desigualdade, é atingida por este novo período que assistimos nos últimos cinco anos principalmente, visto que, a partir das pesquisas de campo realizadas em Campos dos Goytacazes, observamos que cerca de 50% dos entrevistados não utilizam o *mobile banking*, assim como os impactos sobre a categoria dos bancários, provocando o fechamento de postos de trabalho, diminuição do quadro de funcionários, ressignificação do local de trabalho, entre outros impactos.

Além dessas questões, é necessário analisar também os impactos espaciais, quais espaços serão privilegiados pela digitalização, quais estarão excluídos deste novo período, como os municípios que possuem poucas ou apenas uma dependência bancária serão atingidos pelo encolhimento das agências em decorrência de uma nova tendência de organização bancária. Em relação aos municípios desassistidos de dependências bancárias, verificamos, no período recente, que houve um aumento de municípios tanto sem nenhum tipo de dependência bancária assim como daqueles sem agências (tabela 4), o que demonstra que o movimento de encolhimento de agências não é um fenômeno simplesmente de diminuição de agências, mas também de alcance da rede bancária.

Tabela 4 - Quantidade de municípios com atendimento bancário no país

	Dez/12	Dez/13	Dez/14	Dez/15	Dez/16	Dez/17	Dez/18	Dez/19	Jun/20
Municípios com agência	3668	3687	3664	3599	3582	3406	3365	3257	3249
Municípios sem agência	1917	1903	1926	1991	2008	2184	2225	2333	2341
<i>com PA</i>	1762	1660	1674	1681	1637	1788	1827	1937	1945
<i>sem PA e com PAE</i>	8	9	11	10	20	20	21	18	20
<i>sem PA e sem PAE</i> ¹	147	234	241	300	351	376	377	378	376
Total de Municípios	5585	5590	5590	5590	5590	5590	5590	5590	5590

Fonte: Unicad

Fonte: BCB, 2020.

Todos os dados demonstrados e analisados até o momento mostram que o número de municípios sem agências aumentou consideravelmente, em que grande parte das agências são transformadas em postos de atendimento (PA), estruturas mais simples que prestam alguns serviços essenciais para os usuários, porém o que chama a atenção são os dados de municípios sem PA e sem PAE (postos de atendimento eletrônico, conhecidos como Caixas eletrônicos). Estes municípios estão totalmente desassistidos de atendimento bancário, que passou de 147 em 2012 para 376 em junho de 2020, atingindo o número mais alto de 378 em 2019, fato que mostra a diminuição da capilaridade de atendimento bancário no país. Como pensar em atuação dos bancos digitais no Brasil como um todo, sendo que os mesmos utilizam estruturas já existentes como caixas eletrônicos e correspondentes, lotéricas, para saques e depósitos por exemplo e, desse modo, estariam limitados em municípios sem nenhum tipo de dependência bancária.

Atendo-se ao período dos anos 1980 até meados dos anos 2010, notamos que, ano após ano, ocorre uma grande expansão dos números de agências, saltando de um patamar de 11 mil agências e atingindo mais de 23 mil em 2014. Essa expansão também pode ser vista em Campos dos Goytacazes, onde o seu incremento ocorre acompanhado do surgimento de novas centralidades bancárias na cidade, visto que novas agências fora do centro Histórico da cidade surgem após a década de 1990. Contudo, se analisarmos o período mais recente, especialmente nos últimos cinco anos, o número de agências na cidade também segue a mesma tendência nacional de encolhimento, com diversos fechamentos de agências, até mesmo durante a realização das pesquisas de campo, quando uma das agências fechou.

Podemos concluir este capítulo com um quadro de períodos marcados por uma concentração inicial de muitas sedes e poucas agências durante os anos 1940; após medidas do governo militar nos anos 1960, verificamos a expansão das agências pelo território nacional, expandindo exponencialmente, porém ao mesmo tempo com grande

seletividade no território em multiescalas, chegando ao ápice do número de agências e demais equipamentos bancários no início dos anos 2010. Nos últimos cinco anos, porém, assistimos a uma crescente digitalização do setor, diminuição dos números de agências, de transações por meio presencial e de correspondentes bancários, aumentando a quantidade de municípios sem agências e até mesmo de municípios com dependências bancárias.

Nos próximos capítulos, será discutido Campos dos Goytacazes, interconectando os assuntos discutidos tanto no capítulo I como no Capítulo II, com o intuito de trazer uma melhor visão de fenômenos que a princípio são de uma escala maior, mas que se refletem espacialmente na cidade de Campos.

Capítulo 3 - CAMPOS DOS GOYTACAZES: DA UNICENTRALIDADE A MULTI(POLI)CENTRALIDADE

Neste capítulo, discutiremos especialmente o nosso recorte espacial de pesquisa, a cidade de Campos dos Goytacazes, uma cidade média importante na rede urbana do Norte Fluminense que desempenha o papel de capital regional e, na escala da cidade, delinearemos como se dá sua expansão urbana, destacando a transição de uma cidade que possuía apenas um único centro para uma cidade com mais áreas que exercem centralidades das mais diversas, sendo ao mesmo tempo *multi* de muitas em quantidade e *poli* por ter centralidades com particularidades específicas (SPOSITO, 2018). Porém, antes de analisarmos Campos especificamente, é importante discutir os conceitos que serão aqui utilizados, a saber: centro, centralidade, práticas espaciais e interações espaciais.

3.1 Centro, centralidade e práticas espaciais em Campos dos Goytacazes

O primeiro passo é entender o que definimos como centro, na visão de Sposito (1991), centro

[...] é antes de tudo ponto de convergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades, e em contrapartida é o ponto de onde todos se deslocam, para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (SPOSITO, 1991, p.2).

Ou seja, o centro é um ponto de convergência, uma área da cidade onde é prevalente a concentração de determinadas atividades, sejam elas econômicas, políticas, sociais etc. A expansão urbana é ponto chave na discussão de centro e centralidade, pois, conforme salienta Sposito (1991), até os anos 1970 as cidades brasileiras, em sua maioria, se organizavam de maneira monocêntrica (no caso dos serviços bancários em Campos, por exemplo, a primeira agência em funcionamento até os dias atuais fora do centro histórico foi fundada em 1991).

O crescimento populacional destas cidades levava estas áreas centrais a um processo de expansão, através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, através do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em comercial e de serviços, via demolição

de construções residenciais e construções de novas edificações ou demolição das mesmas, adequando-as ao comércio e/ou serviços (SPOSITO, 1991, p.3).

A autora destaca, ainda, que muitas áreas residenciais centrais foram transformadas em áreas de serviços “[...] e em outros casos, a rápida ou gradativa transformação do uso residencial de padrão médio ou alto em uso comercial e de serviços, permitindo convivência temporal destes usos” (SPOSITO, 1991, p. 3). Quando analisamos a formação e estruturação urbana de Campos dos Goytacazes, verificamos esta afirmação, já que o local onde se encontra o centro histórico da cidade, mais especificamente o calçadão Boulevard Francisco de Paula Carneiro, era moradia da elite econômica e política da cidade nos séculos passados.

Juntamente com a expansão urbana também tivemos a emergência dos sub-centros, que seriam espaços distantes dos centros principais, com dificuldades de integração com o centro principal principalmente pela ineficiência do serviço viário e pela impossibilidade de se ter um único centro desempenhando o papel de centro da cidade (SPOSITO, 1991). O subcentro seria, na visão da autora, um local que ofereceria os mesmos serviços presentes no centro principal, porém em uma escala menor (SPOSITO, 1991). De certo modo, percebemos semelhanças na definição de sub-centro com o caso do distrito de Goitacazes, uma área distante do centro, porém que possui serviços semelhantes aos que estão presentes no centro da cidade e as práticas espaciais dos usuários também se assemelham com as dos usuários do centro.

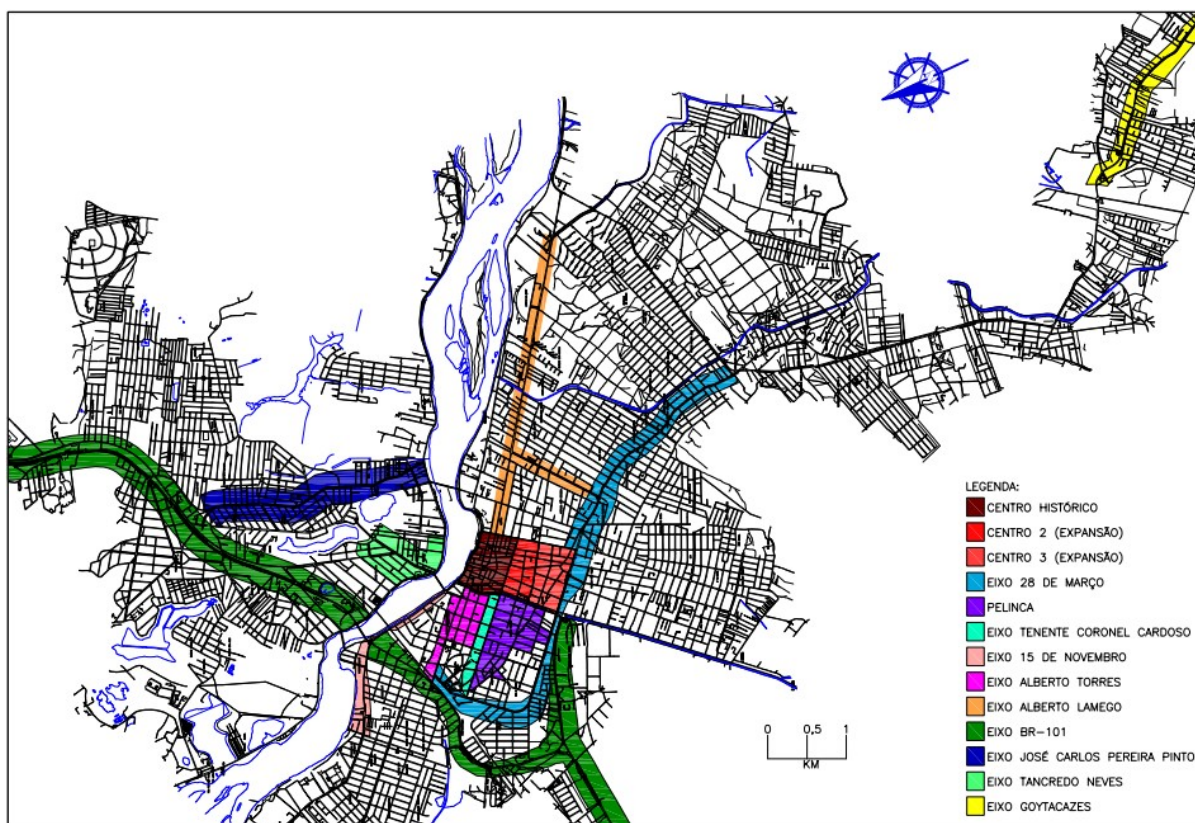
Avançando para mais um conceito importante para entendermos a cidade de Campos, é necessário delinear sobre o conceito de centralidade. Ao pensarmos no sufixo *dade* já nos referimos à qualidade de algo, nas palavras de Sposito: “A centralidade para mim não é um lugar ou uma área da cidade, mas sim, uma condição e expressão de central que uma área pode exercer e representar” (SPOSITO, 2018, p. 73). Ou seja, quando falamos de centralidade não nos referimos a uma centralidade no sentido dela ser algo, mas sim a qualidade uma determinada área estabelecida de ser central, que pode ser um bairro, um trecho de uma avenida etc.

Em se tratando do espaço da cidade, podemos ter tanto *Multicentralidade* e *Policentralidade*. Sposito (2018) chama a atenção para os dois conceitos, já que, por mais que sejam parecidos, eles possuem diferenças que merecem ser pontuadas. Tais ponderações serão essenciais para entendermos posteriormente porque Campos dos Goytacazes pode ser considerada uma cidade Multi(poli)nucleada. Multicentralidade seria a conformidade ou

coexistência de mais de uma área central no espaço urbano da cidade, o que acarreta de certa maneira em relativa perda da importância do centro principal para novas áreas de serviço, como galerias de compras, eixos comerciais e setores especializados fora do centro. (SPOSITO, 2018).

Para compreendermos melhor o que será discutido acerca das multi e policentralidades na cidade de Campos dos Goytacazes, a figura 5, elaborada por Batista (2018), elucida mais claramente quais são e onde estão as principais centralidades da cidade de Campos.

Figura 5 - Localização das áreas de concentração selecionados na cidade de Campos dos Goytacazes



Fonte: (BATISTA, 2018)

Na cidade de Campos dos Goytacazes, podemos notar, por meio da figura, as presenças dos eixos de circulação como áreas centrais fora do centro histórico, com destaque para a Av. 28 de Março, a Av. 15 de Novembro, a Av. Tancredo Neves, a Av. Pelinca e a Av. Raul Souto Maior. Estas são alguns dos exemplos que demonstram a multicentralidade, criando novas localidades, algumas com serviços mais especializados (a 15 de novembro, por exemplo, onde há uma evidente especialização de comércio e serviços de

reparação de automóveis), outros com uma diversificação maior e/ou com semelhanças ao centro principal.

A Policentralidade se diferencia da multicentralidade por meio de alguns pontos interessantes destacados pela autora, um deles é o seu alcance, não é apenas uma área central que complementa o espaço urbano da cidade, estando abaixo do centro na hierarquia de importância, mas sim um local que compete em centralidade com o próprio centro (SPOSITO, 2018). A autora destaca:

Conformam, deste modo, uma centralidade que não é hierarquicamente inferior ao centro principal, em termos de oferta, diversidade ou grau de especialização dos bens e serviços que oferecem, mas sim que compete com o centro principal, num esforço de oferecer um mix muito diversificado de bens e serviços (é o caso dos shoppings centers) ou muito especializado e sofisticado (como podemos notar com os centros empresariais ou de negócios, por exemplo) (SPOSITO, 2018, p.75).

Outro ponto destacado pela autora diz respeito à capacidade das áreas que têm policentralidade de segmentar e aumentar a seletividade espacial, pois são áreas muitas das vezes criadas por uma demanda de uma nova localização residencial burguesa (como é o caso de Campos dos Goytacazes) e sobre essas áreas: “Elas são produzidas para atender certos estratos sociais, conforme determinado padrão de consumo, e geram práticas espaciais novas” (SPOSITO, 2018, p. 76).

De fato, podemos notar em Campos dos Goytacazes algumas áreas policentrais, como o exemplo do bairro Pelinca, no que se refere a serviços especializados, e até mesmo pela presença de agências bancárias segmentadas (Santander Select e Itaú Personalité), galerias de consumo de alto padrão de vestuário, jóias etc. Assim como a presença do Boulevard Shopping, em uma área periférica da cidade (distante do centro) que compete fortemente com o centro principal na oferta de serviços e consumo. Logo, faz sentido afirmar que Campos dos Goytacazes é, atualmente, uma cidade que possui multi e policentralidades.

Corrêa traz um conceito que permeia as lógicas de localização das agências em Campos dos Goytacazes, que são as práticas espaciais. Esse conceito apóia na análise dos grandes bancos e de como eles irão se instalar no espaço urbano da cidade de Campos. Para o autor:

As diferenças sócio-espaciais, tanto na escala da rede urbana como na escala do espaço intra-urbano, resultam da acumulação de inúmeras formas e interações espaciais desenvolvidas em um período de tempo de certa

duração. Esse acúmulo, por sua vez, é o resultado de processos e práticas espaciais (CORREA, 2007, p. 68).

Ou seja, as diferenciações que vemos entre os lugares, tanto na escala da rede como na escala da cidade, são resultados dos acúmulos de formas (materialidade) e interações espaciais. Por isso, percebemos características distintas das agências bancárias, já que estas levam em conta as mais diversas práticas e processos espaciais. O autor destaca a diferença entre processos espaciais e práticas espaciais.

[...] os processos espaciais constituem um movimento de massa, envolvendo uma seqüência sistemática e regular de ações em um período de tempo relativamente longo. Repetitividade e duração longa são traços definidores dos processos espaciais, distinguindo-os das práticas espaciais. Centralização, descentralização e segregação residencial são exemplos de processos espaciais.

As práticas espaciais constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos. Constituem ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada (CORRÊA, 2007, p. 68).

Como podemos definir as ações dos bancos? Podem estar aliadas a outros agentes sociais, mas quase sempre se encaixam em práticas espaciais, contudo acompanham um processo maior, principalmente de concentração/dispersão. Na escala da rede urbana, podemos verificar as lógicas espaciais dos bancos, marcadas tanto por dispersão quanto por concentração, concentração e centralização espacial, ao passo que, na escala da cidade, predominam as particularidades desses processos, onde as práticas espaciais se tornam mais evidentes⁴.

Em Campos, podemos ver, no caso das agências nos bairros, que as práticas espaciais são notórias por parte dos agentes bancários, principalmente pela seletividade espacial, que seria, como o próprio termo diz, uma maneira seletiva de escolher um determinado local para a instalação de uma agência bancária. Tal prática espacial está aliada com outras condições de outros agentes sociais, podendo resultar em um processo espacial de concentração (CORREA, 2007), que é o que observamos nas centralidades em Campos dos Goytacazes.

Além da seletividade, temos também a antecipação espacial, esta prática é interessante, pois, no setor bancário, mostra que um banco pioneiro em determinado espaço,

⁴ Beltrão Sposito; Sposito (2019) propõem essa distinção entre lógicas espaciais e práticas espaciais para os diferentes níveis escalares e de concreção.

se propõe a se instalar em um local onde ainda não há uma agência e, logo em seguida, outras agências costumam ser instaladas em suas proximidades. Os agentes se antecipam a uma demanda ou à existência de condições necessárias para sua instalação. Como define Correa, “esta prática é definida pela localização de uma atividade em local antes que condições favoráveis tenham sido satisfeitas” (CORREA, 2007, p. 70)

Outra prática espacial que também merece destaque quando nos referimos a serviços bancários é a marginalização espacial. Corrêa (1992, p. 39) diz que o processo “[...] leva também ao abandono de lugares que anteriormente foram considerados atrativos e que participaram efetivamente da rede de lugares da corporação: trata-se da marginalização espacial”. Como exemplo deste tipo de prática espacial temos o fechamento da agência da caixa na rua Saldanha Marinho e, em frente à antiga agência da Caixa, há uma agência do Bradesco que também irá encerrar suas atividades, tornando essa área sem a presença de agências bancárias.

Tanto as noções e conceitos de centro e centralidade, multi/policentralidade, práticas e processos espaciais, são importantes para compreendermos melhor os fenômenos que ocorreram e ocorrem atualmente em Campos dos Goytacazes. Podemos compreender como avançamos de uma cidade monocêntrica até termos, atualmente, a configuração de uma cidade multi(poli)nucelada.

3.2 Expansão urbana em Campos dos Goytacazes – da unicentralidade a Multi(poli)centralidade

Após a discussão dos conceitos de centro, centralidade, o que é uma cidade multi(poli)nucleada e o que são práticas espaciais, acreditamos ter reunido elementos para entender a expansão urbana de Campos. Tudo começa no século XVII, com a Vila de São Salvador de Campos:

Até o fim do século XVIII, enquanto Vila de São Salvador de Campos, estudos realizados por Lamego (1974, apud FARIA, 1992) mostram que o espaço urbano campista ainda era um vilarejo voltado para a realização de alguns negócios, em especial o embarque e desembarque de mercadorias pelo Rio Paraíba, que era o único meio de transporte da época (FREITAS, 2011, p. 53).

Com o avanço da colonização, Campos logo passa a ter um lugar de destaque na atividade canavieira. Em 1835, a vila é elevada ao nível de cidade e passa a se

chamar Campos dos Goytacazes (FREITAS, 2011). No século XIX, já tínhamos a primeira centralidade, que perdura até os dias de hoje como principal centro da cidade de Campos.

[...] é nesse período, final do século XVIII e meados do século XIX, que a Praça São Salvador se confirma como espaço de concentração das atividades políticas, comerciais e sociais da época. Como diz a autora, “na Praça, a cidade se representa a si mesma”. Tamanhos atrativos fizeram com que em torno dessa área passassem a se localizar os Solares dos Senhores de Terras e os principais comércios, reforçando a sua centralidade (FREITAS, 2011. p. 57)

Batista (2018) destaca a importância da grande expansão da produção açucareira em Campos e sua ligação com a expansão urbana da cidade.

O crescimento urbano é resultado da implantação de uma moderna infraestrutura financiada pela aristocracia açucareira, que, no período compreendido entre 1842 e 1900, passou a construir neste local (cidade) a sua moradia (inicialmente temporária, posteriormente definitiva), uma vez que sua presença permanente nos engenhos tendeu a ser cada vez mais dispensável, além de sua associação com o capital comercial (OLIVEIRA, 2012, p. 10) (BATISTA, 2018, p. 72).

Com o surgimento das residências e uma estrutura de serviços e comércio, o centro que outrora era o espaço da Vila inicial de Campos, torna-se o centro econômico, político e social da cidade. Temos a consolidação de uma cidade monocêntrica, com a concentração de toda a vida econômica na área central. Porém, a grande expansão do setor açucareiro durante o século XIX e início do século XX trouxe um crescimento urbano desordenado e a criação de várias áreas periféricas que contrastavam com as áreas centrais restritas à elite da época (BATISTA, 2018). O crescimento urbano em Campos apresenta um padrão crescente do urbano e uma diminuição massiva do rural, que irá resultar em uma modificação muito grande na organização urbano/rural na cidade, passando de 55% urbano e 45% rural em 1970, chegando a cerca de 90% urbano e 10% rural, em 2010. (tabela 5).

Tabela 5 - População total, urbana e rural de Campos dos Goytacazes (1970-2010)

Nível territorial	1970		1980		1991		2000		2010	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Urbana	176.082	55,23	203.358	58,35	324.667	83,44	364.177	89,48	418.725	90,29
Rural	142.724	44,77	145.184	41,65	64.442	16,56	42.812	10,52	45.006	9,71
Total	318.806	100	348.542	100	389.109	100	406.989	100	463.731	100

Fonte: IBGE, 2010.

Claudio e Santos (2019) destacam como a questão da expansão urbana que surge em Campos no final do século XIX e início do século XX resultará nas desigualdades socioespaciais que observamos atualmente na cidade. Os autores afirmam que os projetos de embelezamento e modernizadores do espaço intra-urbano realizados no início do século XX estavam focados nas áreas centrais da cidade, como a Praça São Salvador e com o eixo de expansão das classes mais abastadas de Campos que, aos poucos, se deslocavam do centro em direção a Oeste. É importante vermos, porém, que as áreas periféricas também cresciam no mesmo ritmo das áreas centrais da cidade, como destacam os autores:

Muitos bairros foram formados distantes do acesso a bens e serviços, com condições precárias de saneamento e saúde e mais vulneráveis a enchentes, sem receber as devidas atenções de ações de políticas públicas. Essas periferias se estenderam em direção a norte e leste da cidade e passaram a receber relativa atenção do poder público municipal a partir do Plano Urbanístico de 1944 [...] (CLAUDIO; SANTOS, 2019, p. 10).

Ou seja, temos a princípio os eixos para onde a cidade se expande primeiramente, saindo das áreas centrais e se criando áreas periféricas, em direção a oeste da cidade temos a migração da elite política e econômica campista, especialmente por impossibilidades de construções de residências maiores e pelo grande adensamento presente na área do centro histórico, conhecidas até hoje por ruas estreitas e sinuosas (FREITAS, 2011). Na direção da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul e a leste, podemos notar o surgimento de áreas periféricas, muito delas desassistidas dos planos urbanísticos e de modernização da cidade, ao passo que Guarus só será inserida nos planos urbanísticos após 1944 (CLAUDIO; SANTOS, 2019).

Como bem destacado por Freitas (2011), não se trata apenas de modernização das áreas centrais da cidade, mas também de crescente valorização das terras localizadas no centro, por isso os projetos higienistas e de modernização despertam um grande interesse de donos de terras no centro que ganhavam com a valorização das suas edificações localizadas nas áreas centrais. Como consequência do alto valor da terra e o abandono do uso residencial do centro pelas classes sociais mais abastadas da cidade, o centro se transforma em uma área cada vez mais focada no comércio, confirmando o que Sposito afirma sobre as transformações dos centros históricos que eram também centros residenciais em centros econômicos.

Quanto à expansão a oeste da cidade de Campos dos Goytacazes, Freitas (2011) destaca que esse processo ocorre principalmente por motivos de afastamento para

áreas limítrofes ao centro histórico, porém com estrutura suficiente para acomodar os novos padrões de moradias e serviços da elite local (figura 6).

Figura 6 - Delimitação da direção da expansão urbana a Oeste do Centro de Campos



Fonte: Freitas (2011, p. 62).

A expansão criou demandas de serviços e infraestrutura, bem como o melhoramento das já existentes, sobre a centralidade iniciada pela área, podemos destacar a Pelinca, que, após o centro, possui uma grande centralidade uma ampla gama de comércio e serviços disponíveis.

Com a vinda da burguesia para essa região demarcada, a área passou a atrair novos investimentos do poder público e privado, com obras de infraestrutura urbana e com a instalação de um setor de comércio e serviço diversificado, consolidando-se como novo ponto de centralidade da cidade, que continuou a atrair a construção de moradias voltadas à população de alta renda. (FREITAS, 2011, p. 62).

A segunda expansão da área, especialmente após a segunda metade do século XX, cria as condições necessárias para a captação de clientes e, por isso, conseguimos compreender o surgimento das agências que ainda estão em funcionamento, que nesse caso é a agência do Banco do Brasil, aberta em 1991 na Pelinca.

Retomando o processo de urbanização de Campos dos Goytacazes, após os anos 1970, temos o colapso do setor sucro-alcooleiro, principal atividade econômica do

município e com importantes rebatimentos na dinâmica econômica da cidade, e um aumento do processo de favelização,

[...] como resultado da falência das usinas canavieiras e dos problemas apresentados com a expansão da cidade, pois os operários das usinas ainda existentes no período, ao perderem acesso a suas moradias cedidas por estas usinas, se instalaram próximo à linha férrea e até mesmo nas usinas que já haviam declarado falência (CLAUDIO; SANTOS, 2019, p. 13)

Seguindo a mesma lógica de dificuldades surgidas após o colapso do setor sucro-alcooleiro em Campos dos Goytacazes, Batista (2018) destaca a porção sudeste da cidade de Campos, marcada por ser uma importante área durante o período das grandes usinas, “[...]com a quebra deste setor sucroalcooleiro, formou-se uma massa de mão de obra que não possui acesso à terra e que apresenta grande dificuldade para vender sua força de trabalho” (BATISTA, 2018, p. 81). O adensamento de comércio na região também remonta à época sucro-alcooleira e que, atualmente, tem Goytacazes como principal área central. “Goytacazes, que, desde o adensamento populacional e de atividades econômicas (usinas açucareiras) que atraíram vários outros tipos de atividades, comerciais e de serviços, tende a se configurar como um subcentro da cidade” (Ibid. p. 81).

De maneira geral, as heranças coloniais de domínio da elite sobre as áreas centrais da cidade de Campos, aliadas a um projeto de modernização e expansão urbana com enfoque nas áreas centrais da cidade, favorecendo o aumento dos valores dos imóveis e terrenos das áreas centrais, a infraestrutura na expansão oeste da cidade e a pouca preocupação com outras áreas da cidade, a quebra do setor sucro-alcooleiro e consequentemente criações de moradias periféricas, criou hoje uma cidade marcada por uma grande desigualdade social e espacial.

A importância das redes de transporte é notória na estruturação do espaço urbano, pois, através das principais avenidas da cidade, há a conexão dos bairros outrora “abandonados”. Uma importante via é a 28 de março, que, por meio de seu prolongamento, se conecta aos bairros Goytacazes, Turf, entre outros na parte leste/sudeste da cidade (BATISTA, 2018; BATISTA, SANTOS, 2018). Os trechos da Avenida 28 onde se localizam os dois bairros (Turf e Goytacazes) receberam agências bancárias e representam uma importante centralidade de serviços bancários, obviamente cada um com suas próprias características, e que serão melhor abordadas no próximo capítulo.

Já a centralidade de Guarus, principalmente pelas Av. Tancredo Neves, Prof. Carmen Carneiro e José Carlos Pereira Pinto, também tem relação com um período de

expansão urbana da área periférica e conexão das áreas distantes, ligadas principalmente pela criação de pontes de acesso à área central, como a ponte Barcelo Martins, A ponte General Dutra e, mais recentemente, a ponte Leonel Brizola, que aumentou significativamente a presença de serviços no bairro. Além disso, podemos mencionar a criação do Hospital Geral de Guarus (HGG), na Av. José Carlos Pereira Pinto, equipamento de saúde que também exerce centralidade relevante na atração de pessoas.

Capítulo 4 - LÓGICAS DE LOCALIZAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO DE CAMPOS E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS USUÁRIOS

Neste capítulo, abordaremos os resultados do projeto de pesquisa realizado no primeiro ano de investigação no ano de 2019, com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa - RJ (FAPERJ). Para discutirmos o cenário atual de distribuição territorial dos fixos bancários, precisamos compreender quando os serviços bancários deixam de ser concentrados somente no centro e começam a se espalhar pela cidade, acompanhando, em parte, algumas das centralidades comerciais e de serviços. Num primeiro momento entenderemos as lógicas espaciais dos bancos e depois as práticas espaciais dos usuários a partir dos resultados das pesquisas realizadas.

4.1 Setor bancário em Campos dos Goytacazes: da concentração a dispersão concentrada

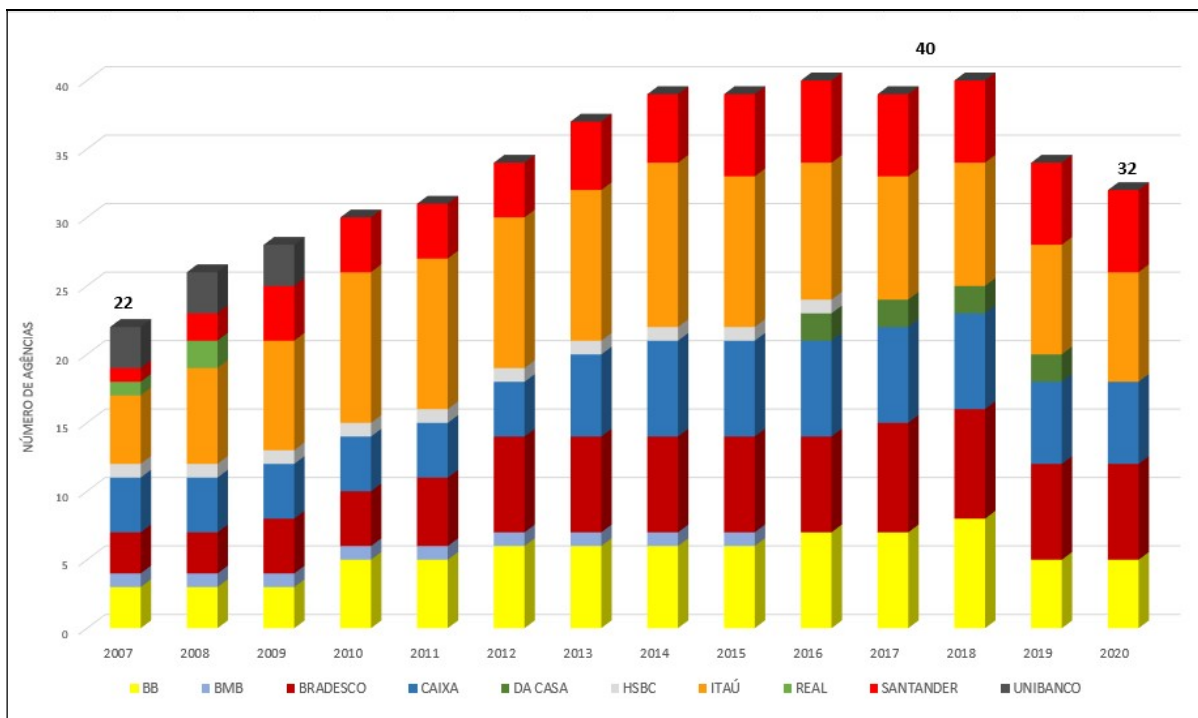
O marco inicial da dispersão espacial se dá em 1991, com a abertura da atual agência do Banco do Brasil na Pelinca (BCB, 2020). A partir dos dados de fundação das agências em funcionamento (2011) foi possível estabelecer quando começaram a surgir as primeiras agências fora do centro da cidade. A década de 1990 é marcada pelas primeiras agências na Pelinca, Banco do Brasil em 1991; Itaú em 1992; Bradesco em 1999. Outra localidade bancária que surge nos anos 1990 é a de Guarus, mais especificamente do Bairro Jardim Carioca, nas áreas próximas a principal avenida do bairro, Av. Tancredo Neves e Av. Prof. Carmen Carneiro, com a fundação de uma agência da Caixa em 1999.

Esses dados não significam que as agências começaram a se espalhar e que o centro passa a ter menos agências do que os demais bairros, muito pelo contrário, as agências no centro se espalham mais ainda, na medida em que, entre os anos 1991 - que é a abertura da primeira agência fora do centro - e 2001, foram abertas o mesmo número de agências no centro do que fora dele. A próxima localidade a ter agências pioneiras é Goitacazes, que teve sua primeira agência do Itaú em 2004 e, depois de Goitacazes, o banco Itaú também instala uma agência na avenida 28 de Março, no bairro Turf, em 2007.

Após o ano de 2007 não há, em Campos dos Goytacazes, nenhuma nova agência fora dos bairros já citados (com exceção de uma agência do Itaú inaugurada dentro do Shopping Boulevard em 2013, localizada no bairro Parque Leopoldina, mas não chegou a representar uma nova localização de agência e logo foi transformada em Posto de

Atendimento). Na figura 7, podemos visualizar a composição dos bancos, segundo instituições, em Campos para o período de 2007 a 2020.

Figura 7 - Organização do setor bancário em Campos dos Goytacazes - 2007 a 2020



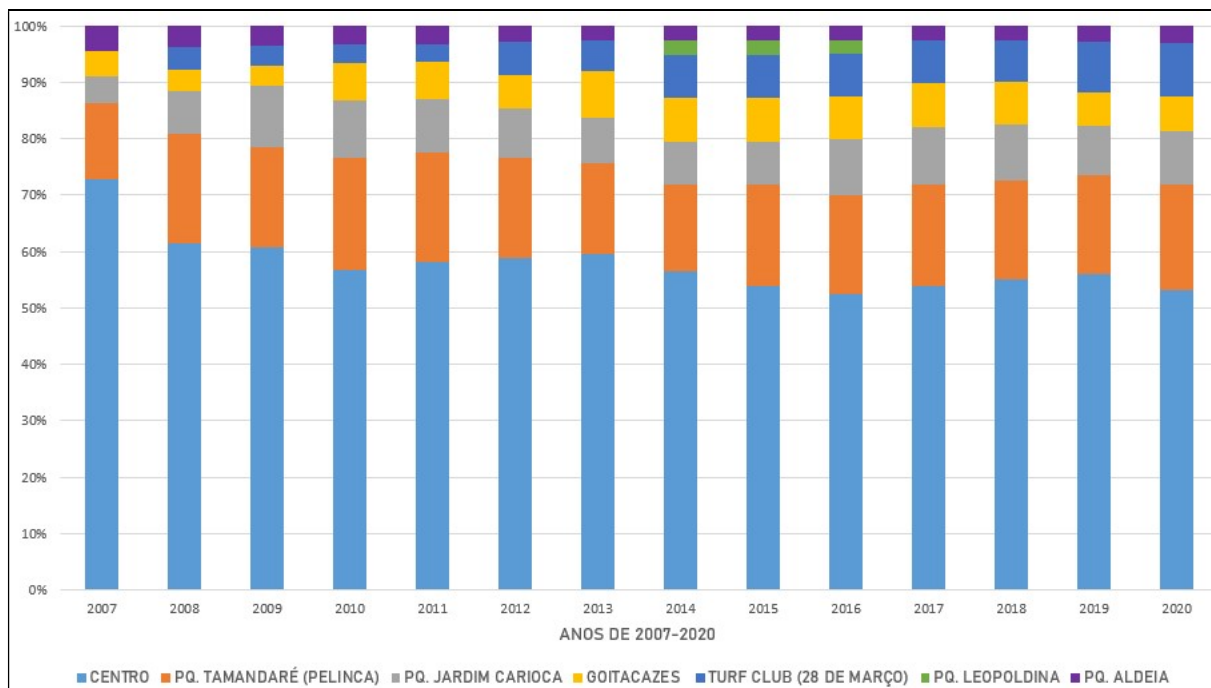
Fonte: BCB, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

Como podemos verificar na figura 7, no período de 2007 a 2020, a cidade teve dez bancos diferentes, porém, por conta de fusões e aquisições, liquidações extrajudiciais, atualmente existem apenas cinco bancos controlando 32 agências no total, exibindo uma média de 6 agências por banco. O que mostra dois fenômenos de escala maior, a inexistência de bancos regionais, estaduais, municipais, principalmente reflexo do grande período de privatizações dos bancos públicos no final dos anos 1990 (VIDEIRA, 2009), além da expansão bancária em meados dos anos 2010, atingido o ponto mais alto em 2016 e 2018, seguido de uma forte queda, reflexo do período mais recente do setor bancário que apresenta diminuição das agências, ano após ano. Essa redução tem a ver ainda com fusões e aquisições e fechamento de agências do mesmo banco muito próximas uma da outra (HSBC e Bradesco) e com a refuncionalização de agências, como é o caso da agência da 13 de Maio do Banco do Brasil, cuja função de agência comum foi alterada para uma agência Empresarial.

Já a figura 8 mostra o número de agências por bairro, permitindo verificar a concentração exercida pelo centro.

Figura 8 - Organização do setor bancário em Campos dos Goytacazes por bairro - 2007 a 2020



Fonte: BCB, 2020.

Elaboração: Samuel Henderson

Em 2007, o centro concentrava mais de 70% das 22 agências da cidade, enquanto os demais bairros possuíam menos de 30%. Ao longo dos anos, por mais que o centro comece a perder a centralidade na concentração de agências, ainda possui grande quantidade de agências, porém, agora representando pouco mais da metade. Como explicitado no capítulo 3, por mais que novas áreas que tenham centralidades surjam ao longo do século XX, o centro histórico ainda é o principal centro da cidade, tanto bancário, como dos demais serviços, comércio etc.

Na figura 9 e 10, podemos visualizar espacialmente a expansão bancária na cidade de Campos, na primeira figura observamos as agências bancárias até 2007 e na figura 10 as agências bancárias em 2020. Podemos ver a concentração bancária na área central da cidade em 2007, onde mais de 70% dos bancos se encontravam no centro histórico e no cenário atual o surgimento do eixo do Turf, a expansão da Pelinca e de Guarus.

Figura 9 – Distribuição das agências bancárias em 2007.

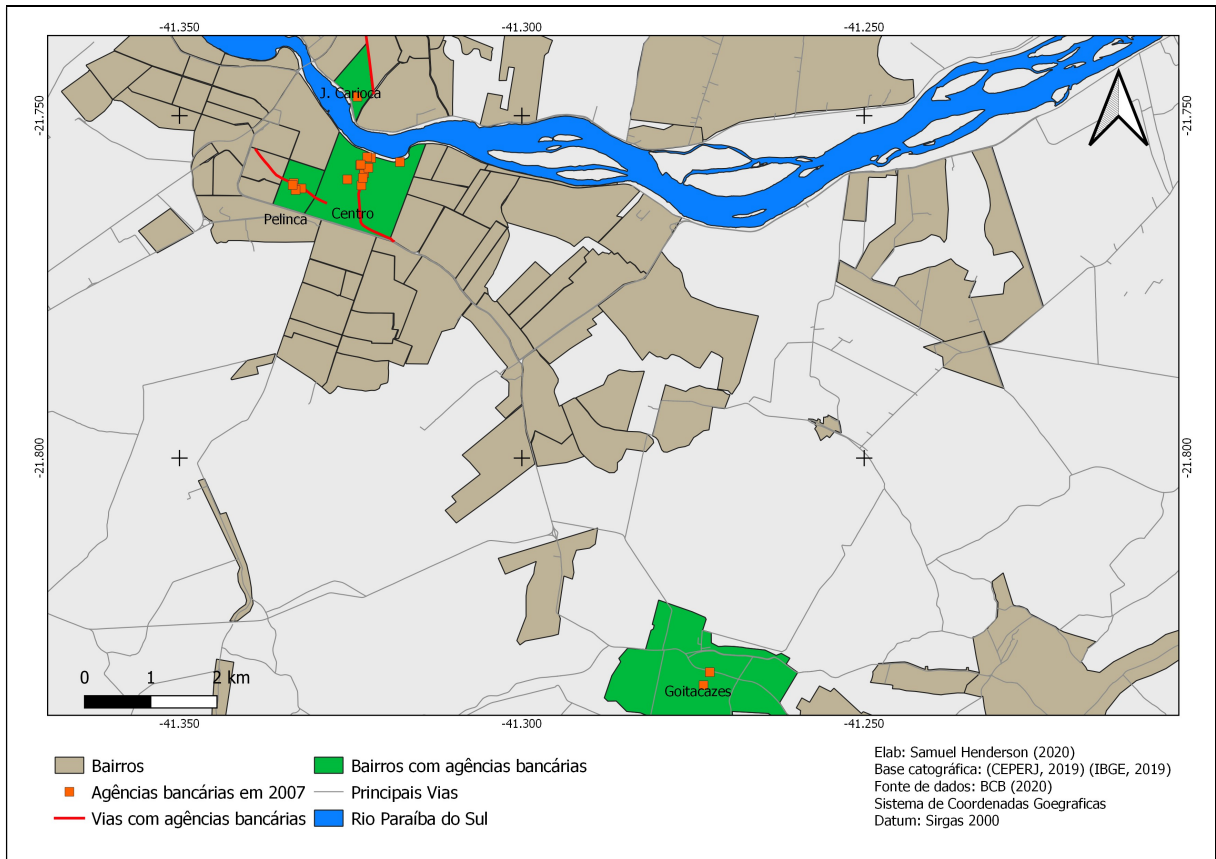
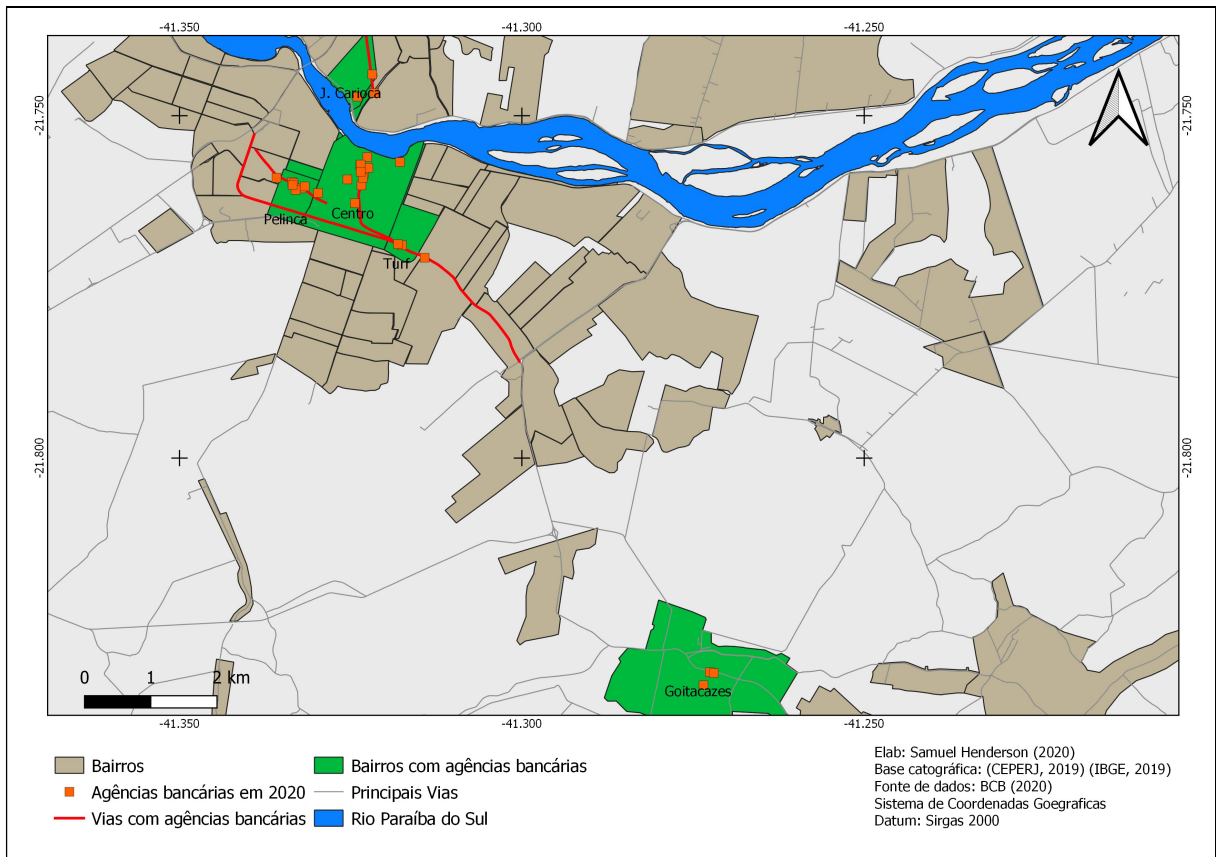


Figura 10 – Distribuição das agências bancárias em 2020.



Podemos observar que, por mais que as agências sejam deslocadas do centro, sua capilaridade é restrita a bairros limítrofes e seus prolongamentos, com exceção do distrito de Goitacazes, que é distante do centro histórico. De certa maneira, isso reafirma, em uma escala menor, o que Oliveira (2015) afirma sobre a vantagem locacional das áreas próximas ao centro e o aumento das desigualdades espaciais.

Após a compreensão espacial das agências fora do centro, é importante destacarmos que as agências nos diversos bairros da cidade possuem algumas semelhanças. As agências do centro se assemelham principalmente por serem agências maiores, com muitos caixas eletrônicos e de mais fácil acesso a pé, pois estão situadas principalmente no calçadão da cidade, também conhecido como Boulevard Francisco de Paula Carneiro. As agências centrais costumam ser maiores pelo enorme público que elas recebem no dia a dia.

Já nas agências fora do Centro, todas possuem algo em comum, elas estão nas principais avenidas de circulação ou bem próximas a essas vias, o que mostra importância das redes e dos transportes para constituir uma centralidade. Temos a Avenida Pelinca que, além de ser uma avenida, é também um bairro (Parque Pelinca); a Avenida Tancredo Neves e a Avenida Prof. Carmen Carneiro, uma das principais avenidas de Guarus, logo na descida da ponte Leonel Brizola; a Avenida 28 de Março, principal avenida da cidade; e a Avenida Raul Souto Maior, principal avenida de Goitacazes e área central do bairro. Cada agência possui suas próprias características, seja ela na forma, principal público, forma de acesso, entre outros. Essas questões podem ser melhor entendidas após a exibição dos resultados das enquetes realizadas durante a pesquisa.

4.2 Práticas espaciais e perfil dos usuários dos serviços bancários em Campos

Os resultados obtidos durante a pesquisa de campo nos auxiliarão a entender melhor as principais práticas dos usuários dos serviços bancários e a partir das respostas obtidas, responder à questão levantada no final do subcapítulo anterior sobre perfis de usuários tanto de Campos dos Goytacazes como um todo, como de cada localidade estudada.

A primeira etapa para a realização da pesquisa é a observação do fluxo de pessoas nas agências. Para esta fase da pesquisa foram realizadas observações sistemáticas⁵ de quantas pessoas entram nas agências no período de 20 minutos, dividido em dois períodos de 10 minutos, alternando entre agências do bairro selecionado, como explicado na parte

⁵ Trata-se de uma técnica importantíssima que permite uma aproximação do objeto de estudo (VENTURI, 2012).

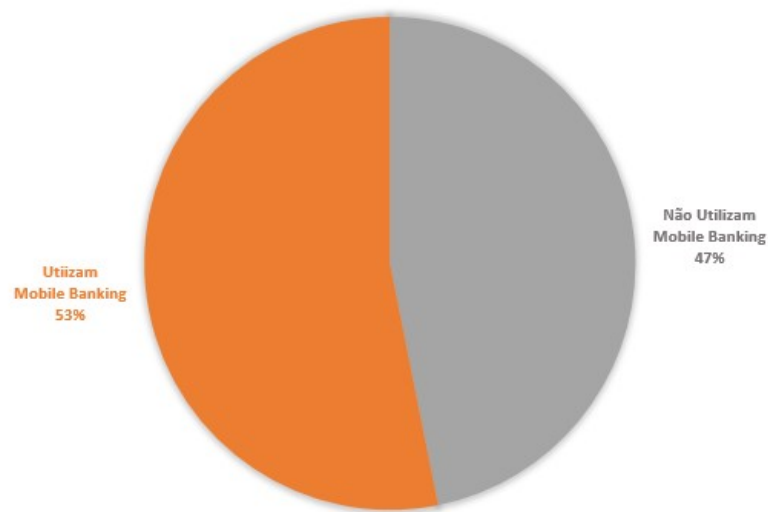
introdutória deste trabalho. Após essa etapa, definimos quantos questionários seriam necessários para cada agência, fazendo aplicação proporcional, de modo a evitar, assim, um possível vício de amostra. Para a aplicação do questionário foi estabelecida uma taxa de confiabilidade de 90% com uma margem de erro de 7%, totalizando 142 questionários.

O primeiro resultado importante para a nossa discussão é o perfil dos respondentes, tendo como primeiro destaque a idade. A média de idade é de 48 anos e a mediana de 46 anos, ou seja, 50% dos usuários possuem mais de 46 anos e a outra metade menos de 46 anos, o que demonstra uma média próxima à mediana e um perfil de usuário mais velho. O público jovem utiliza o serviço bancário com pouca frequência, fazendo com que não seja captado tantos jovens nos questionários aplicados.

No que diz respeito à renda dos respondentes, cerca de 60% deles recebem de 1 a 3 salários mínimos, cerca de 15% de 3 a 5 salários mínimos, e apenas 5% acima de 10 salários mínimos, sendo estes, usuários de bancos do Centro ou Pelinca (com exceção de um entrevistado do Turf). O que evidencia a grande disparidade de renda e concentração espacial da renda em Campos dos Goytacazes, algo já mostrado por Claudio; Santos (2019). Além da renda, também podemos destacar a escolaridade, vale destacar que 35% dos respondentes têm o Ensino médio completo, cerca de 30% possuem o ensino superior completo. Mas cerca de 10% não possuem o fundamental completo, ou seja, não chegaram a concluir a oitava série.

Antes de avançarmos para a análise de cada um dos bairros que possuem agências, vale a pena tratarmos do *mobile banking*, que tem apresentado crescimento exponencial ano após ano e que não deixa dúvidas sobre o futuro daqui para a frente, porém ainda percebemos que é uma nova modalidade de serviços bancários que não atinge todas as pessoas, principalmente pela insegurança de usar um serviço digital e/ou pela desinformação dos serviços digitais. Cerca de 80% dos respondentes dizem conhecer ou que já ouviram falar dos aplicativos bancários, mas nem todos que conhecem utilizam o serviço, totalizando 47% (figura 11).

Figura 11 - Pessoas que utilizam ou não o mobile banking



Fonte: Samuel Henderson, 2019.

Corrêa (2009) debate um tema presente na geografia, baseado nas ideias de forma, estrutura, processo e função propostas por Milton Santos, com uma reflexão sobre divergência, onde um processo A poderia gerar formas distintas, que divergem entre si. Por mais que o processo seja o mesmo (a expansão das agências bancárias), cada uma delas vai possuir formas e funções diferentes uma das outras. Sobre o resultado de um processo que possui como resultado formas divergentes, o autor discorre que

[...] gerou duas formas (e suas funções) distintas, X e Y, em dois lugares diferentes, L1 e L2. Esta diferenciação resulta, em grande parte, das características locais, que apresentam heranças, elites e outras condições para criar ou atrair determinadas atividades derivadas do processo geral em curso. As distintas formas criadas acentuam a diferenciação espacial (CORREA, 2009, p. 3).

Para tanto, veremos a seguir características espaciais das agências de cada bairro, suas formas e posteriormente alguns resultados dos questionários realizados. Começando pelas agências do Centro, as maiores agências estão presentes no calçadão da cidade que, como vimos no capítulo 3, se trata ainda hoje do locus econômico da cidade, local onde se encontra toda a gama de serviços e comércio da cidade.

As agências que se encontram no calçadão são caracterizadas por serem as maiores da cidade, com grande quantidade de caixas eletrônicos e repartições. Conseqüentemente são as agências que mais recebem clientes dos mais distintos locais de

Campos, por estarem próximas ao terminal de ônibus da cidade e também da Rodoviária Roberto Silveira. Como se pode ver a seguir nas figuras 12 e 13.

Figura 12 - Agência Itaú Centro de Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13 - Agência Caixa Centro de Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Além das agências que estão no calçadão, temos aquelas que se encontram na 13 de Maio, prolongamento do calçadão, porém com a vantagem de ter acesso para carros e um amplo estacionamento, como a agência do Santander na rua 13 de Maio, por exemplo.

Figura 14 - Agência Santander na rua 13 de maio, Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Outras agências também estão em vias de circulação importantes, como as agências do Itaú tanto na Avenida Beira-rio, como na rua Santos Dumont, um dos prolongamentos do calçadão de Campos, além das agências na rua Tenente Coronel Cardoso e Saldanha Marinho, principais avenidas da cidade.

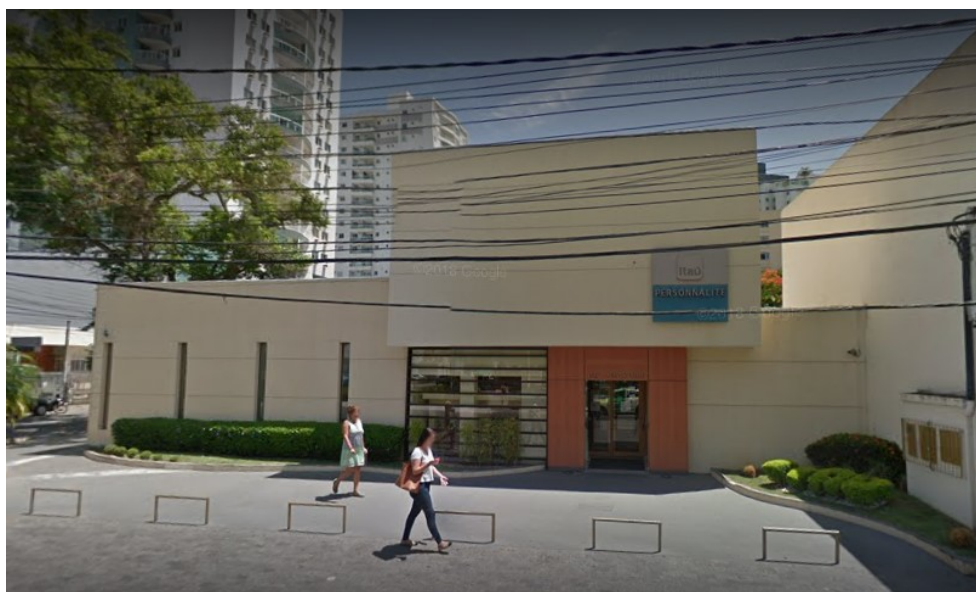
Quanto ao perfil dos usuários das agências do centro, temos uma grande diversificação de origem dos clientes. Foram registradas pessoas de 35 bairros diferentes, sendo que, de um total de 60 pessoas, apenas 8 eram do centro. O que significa uma grande força atrativa do centro, ligado principalmente pela oferta de serviços nas lojas presentes no centro, como a facilidade de acesso pelos terminais próximos às agências bancárias. As pessoas chegam às agências do centro principalmente por alternativas ao veículo próprio (22 pessoas), podendo ser a pé (8 pessoas), de bicicleta (5 pessoas), de ônibus (24 pessoas) ou de taxi/aplicativos (1 pessoa).

O principal serviço realizado pelos respondentes, no centro, é o de saque, realizado por 34 pessoas, seguido por pagamento de contas e depósitos. São usuários que

costumam ir ao banco apenas uma vez ao mês, com poucos casos de pessoas que vão ao banco esporadicamente ou diariamente. Quando falamos de renda, a grande maioria, cerca de 65% (40 pessoas) responderam receber entre 1 a 3 salários mínimos. Observamos alguns pontos extremos nas respostas, com um pequeno número de pessoas que recebem acima de 10 salários (3 pessoas) e também de pessoas que não possuem renda, também com 3 pessoas. Sobre a ida aos estabelecimentos comerciais e de serviços após ir ao banco, 60% dizem fazer compras após saírem dos bancos.

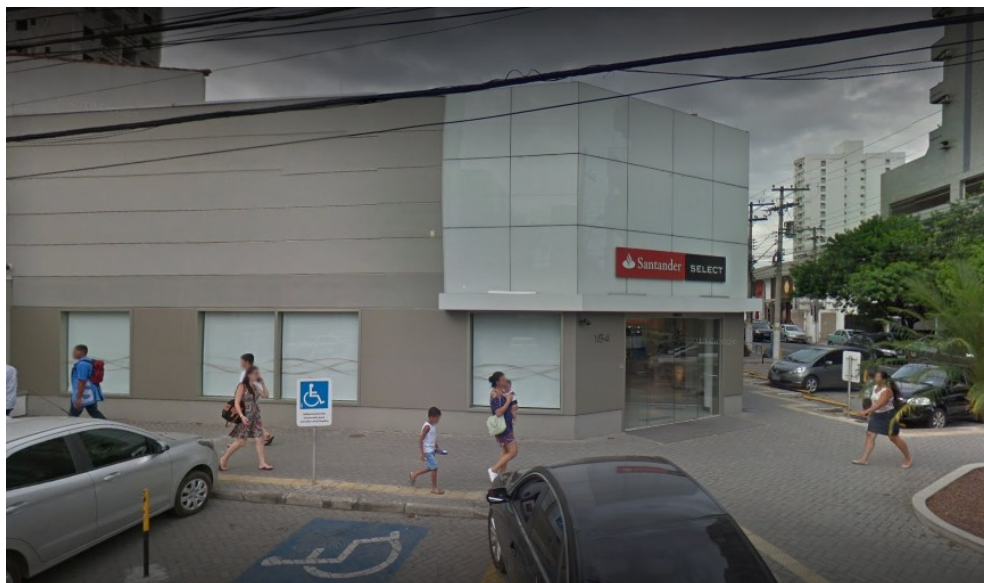
No caso da Pelinca, conhecida como uma área mista entre condomínios verticais e galerias de vestuário, jóias e restaurantes, acessados principalmente por uma parcela da população com renda elevada, temos a presença de duas agências segmentadas para clientes com rendas elevadas, conhecidos como Santander Select e Itaú Personalité (figura 15).

Figura 15- Itaú Personalité Pelinca



Fonte: Google Streetview. 2020

Figura 16 - Santander Select Pelinca



Fonte: Google Streetview. 2020

Acima vimos alguma das agências segmentadas presentes no bairro Pelinca, confirmando o que Corrêa (2009) trouxe sobre a questão da divergência de forma e função. Além das agências “premium”, também temos agências “comuns”, o que traz uma questão a se pensar sobre um adensamento em poucos metros de várias agências, visto que, em uma única avenida, em menos de 1km temos a presença de oito agências bancárias.

O perfil de usuário da Pelinca é marcado pela locomoção até a agência a pé ou com veículo próprio (31 pessoas), não tendo nenhum respondente, se locomoveu via bicicleta, e apenas 7 de 38 utilizam o ônibus. Os usuários são oriundos da própria Pelinca ou do centro (40%), porém há a presença de pessoas de outros bairros, principalmente por ter uma agência bem próxima à Rodoviária Roberto Silveira. A maioria dos usuários utiliza a agência esporadicamente ou mensalmente e a principal razão de escolherem as agências são a proximidade ou a facilidade de acesso. Atendimento também foi algo importante para a escolha da agência. Assim como no Centro, a principal operação realizada é o saque, correspondendo a 25 dos 38 questionários.

Quanto à renda, 18 pessoas recebem de 1 a 3 salários mínimos, 7 recebem de 3 a 5, 6 pessoas de 5 a 10 salários mínimos, 4 acima de 10 salários mínimos, 2 pessoas recebem menos de 1 salário e 1 pessoa não possui renda. Com isso, percebemos que, assim como no centro, há um grande número de pessoas na faixa de 1 a 3 salários mínimos, porém, como era de se esperar, há uma quantidade maior de pessoas que recebe mais de 10 salários mínimos do que no centro, pela presença de agências focadas neste tipo de cliente.

As agências do Turf estão localizadas no principal eixo de circulação da cidade (figuras 17 e 18), a avenida 28 de março, e, por isso, capturam um público que chega na agência principalmente de carro; as agências são as menores das 4 localidades analisadas, muito em função de capturarem um tipo de usuário que passa pela avenida e precisa realizar um serviço rápido como um saque ou depósito por exemplo.

Figura 17 - Agência Bradesco na Av. 28 de Março. Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Figura 18 - Agência Caixa na Av. 28 de Março. Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Como destacado anteriormente, as agências que estão todas localizadas na Avenida 28 de março (Caixa, Bradesco e Itaú) exercem uma função importante de receber clientes tanto dos bairros próximos, que evitam ir ao centro, quanto dos bairros mais distantes, como é o caso da agência da Caixa, que capta clientes de bairros distantes como Goitacazes, onde não há, ainda, uma agência desse banco.

O perfil do usuário dos serviços bancários no Turf é caracterizado principalmente por vir com um veículo próprio, 52% dos entrevistados, apenas uma pessoa chega à agência a pé. Já sobre a localidade, 7 das 17 pessoas vem do próprio Turf, porém a presença de pessoas de bairros distantes, mas ligados pela 28 de março, foram abarcados, tais como Jockey, Penha e Goitacazes. 70% responderam que a principal operação realizada é o saque. A frequência de ida à agência é bem dividida, porém apenas uma pessoa respondeu que

vai à agência esporadicamente. Dessa forma, notamos uma frequência mais alta do que as demais localidades, com o destaque para 23% dos respondentes que se dirigem à agência mais de uma vez na semana.

Mais da metade dos usuários no Turf tem renda entre 1 e 3 salários mínimos, 4 responderam receber entre 3 a 5 salários mínimos, 1 acima de 10 salários mínimos e duas pessoas responderam não ter renda. Já no que se refere à centralidade nas proximidades, 40% responderam realizar compras após irem ao banco e 60% responderam apenas utilizar o serviço bancário e não utilizam serviços ou consomem no bairro.

Guarus tem sua primeira agência ainda em funcionamento datada de 1999, é marcada por agências maiores que as do Turf e Pelinca, que buscam atender a uma demanda do bairro, porém, ao mesmo tempo, se localizam em uma das principais avenidas do bairro (figura 19), podendo atender o público que sobe e desce a ponte Leonel Brizola.

Figura 19 - Agência Caixa Jardim Carioca. Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Vemos a presença muito significativa de veículos próprios, principalmente motos e também de bicicletas, para acesso às agências. O acesso é feito, em grande parte, por veículo próprio e principalmente por pessoas que não moram no bairro, pois quem mora no bairro costuma ir preferencialmente a pé ou de bicicleta. O perfil do usuário das agências de

Guarus é marcado por cerca de 40% serem do próprio bairro (Jardim carioca) e o restante se divide em 10 bairros diferentes e todos eles vindo ou de veículo próprio ou de bicicleta, não tendo a presença de ônibus nas respostas. Assim como nas demais agências, 50% das pessoas informaram que a principal operação realizada é a de saque, porém, diferentemente das demais, a consulta de saldo também é uma operação considerável.

A proximidade é um fator muito importante, pois cerca de 70% das pessoas informaram que escolheram a agência por ser mais próxima. 13 dos 18 entrevistados recebem entre 1 a 3 salários, 3 pessoas entre 3 e 5 salários e duas pessoas entre 5 a 10 salários. Dos entrevistados, não houve pessoas que informaram receber menos de 1 salário, mais de 10 salários ou que não possuem renda. Assim como no Turf, a maioria das pessoas se dirige ao banco para realizar suas operações e não costuma consumir nas proximidades. Um fato que chama a atenção é a ausência de pessoas que utilizam ônibus para se deslocar às agências, muito provavelmente pela ausência de uma linha de ônibus presente no bairro e/ou pela maior facilidade de ir direto ao centro de ônibus.

Goitacazes apresenta características distintas das demais agências fora do centro, pois se assemelha ao centro no que diz respeito às suas características de centralidade, se assemelhando muito mais a um subcentro, um centro em menores proporções (figura 20 e 21).

Figura 20 - Agência Itaú Goitacazes. Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Figura 21 - Posto de atendimento Bradesco Goitacazes. Campos/RJ



Fonte: Acervo pessoal

Por ser mais afastado do centro de Campos, Goitacazes acaba desempenhando um papel de centro para os distritos e bairros mais distantes de Campos e mais próximos de Goitacazes. As agências de fato são duas, uma do Santander e outra do Itaú (essa é pioneira), o Banco do Brasil e o Bradesco são Postos de Atendimento. Quanto à forma, são agências com tamanho semelhante ao das agências de Guarus, com exceção do Bradesco que não possui estrutura de agência.

Assim como no Turf, as agências se localizam na avenida principal do bairro e em um trecho específico, marcado por um comércio diversificado, contendo vestuário, papelaria, utilidades, mercado, farmácias etc. Um importante comércio da área central do bairro é o mercado Superbom que concentra grande parte do consumo, visto que, dos 9 respondentes, apenas 1 informou que não consome nas proximidades após ida ao banco.

O perfil do cliente de Goitacazes é marcado principalmente pela utilização de serviços e do consumo nas proximidades aos bancos, além disso, todos responderam que escolheram as agências por ser a mais próxima. Quanto à locomoção, a maioria costuma ir às agências com veículo próprio ou de ônibus, apenas 2 dos 9 entrevistados se deslocam a pé, demonstrando a importância das agências estarem na avenida principal que se conecta à avenida 28 de Março. Sobre a renda, cerca de 30% recebem entre 1 a 3 salários mínimos, 30% menos de um salário ou não possuem renda, cerca de 20% entre 5 a 10 salários mínimos e 10% entre 3 a 5 salários mínimos.

De maneira geral, podemos observar que, salvo alguns casos específicos, o perfil do usuário de Campos é o mesmo exposto no início da discussão. Notamos a presença marcante do ônibus e do veículo próprio como meio de locomoção, o principal serviço utilizado é o saque, a principal faixa de renda é entre 1 a 3 salários mínimos, o que converge com a informação no que diz respeito à média salarial de Campos, que é de 2,5 salários (IBGE, 2020) A digitalização é algo presente em Campos, porém ainda tímida, pois praticamente metade da população não utiliza o *mobile banking*.

Entre as principais justificativas no que diz respeito à digitalização, podemos elencar alguns fatores. O primeiro diz respeito à idade, pessoas com mais idade costumam não se adaptar muito bem às novas tecnologias, como evidenciado nos questionários aplicados. O segundo é a sensação de insegurança dos meios virtuais. O terceiro fator verificado está ligado muitas vezes à falta de escolaridade, o que provoca também a mesma sensação de insegurança e/ou dificuldades com o uso dos aplicativos e suas funcionalidades, na maior parte das vezes não tão simples e convidativo para novos usuários.

Quando às lógicas espaciais de localização das agências bancárias, notamos que elas estão atreladas a algumas questões específicas. No Centro, por ser a área central até os dias atuais, ainda concentra grande parte da população e, por isso, traz rentabilidade para os bancos. A Pelinca traz um misto de estar em uma via principal e também ser um centro de consumo e residência de uma parcela de pessoas com renda elevada, por isso, a presença de agências comuns e para um público segmentado. O Jardim Carioca e o Turf desempenham um

papel tanto de agência de bairro, atendendo a um público nos arredores, como também atendem um público que passa pelas avenidas que cortam esses bairros, como a Av. 28 de março e a Tancredo Neves/Prof. Carmen Carneiro; Goitacazes desempenha um papel concentrador, porém em um nível menor das áreas mais afastadas do centro de Campos.

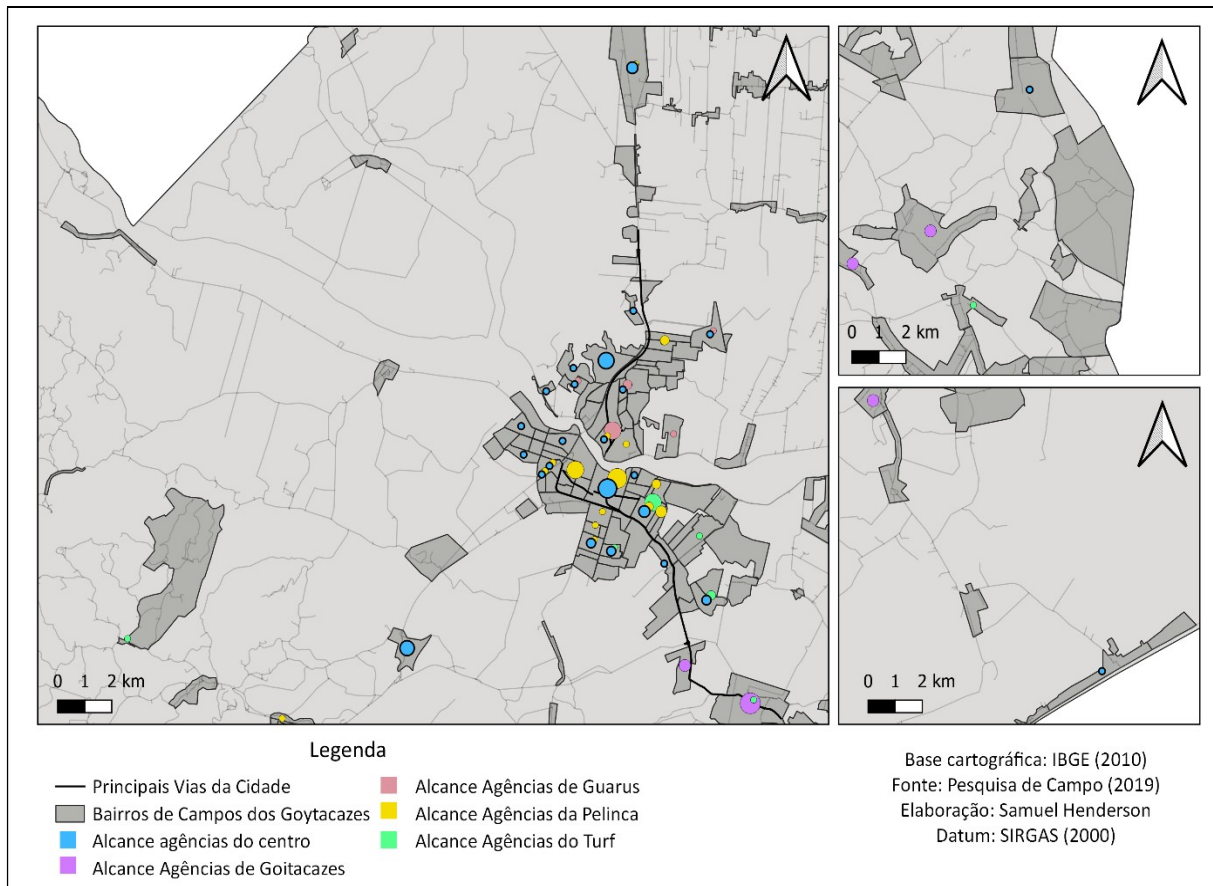
A localização das agências em Campos dos Goytacazes não significa que as áreas escolhidas são as mais importantes ou mais adensadas que as demais áreas de Campos, mas sim que, como vimos nos capítulos anteriores, os bancos agora se tornam mais seletivos, restringindo as agências para locais mais rentáveis e agências com operações com maior valor agregado. O que os bancos fazem é terceirizar os serviços bancários para caixas eletrônicos e correspondentes bancários. Ao analisarmos estes dois tipos de dependência bancária, conseguimos ver um alcance e áreas mais distantes dos centros que, se dependessem das agências para realizar serviços mais simples (como saques e consultas), estariam desassistidas completamente, como são os casos de Farol de São Thomé, no litoral campista, Donana, Travessão, Tapera, Ururaí, entre outros bairros que possuem pouca estrutura bancária, restrita a caixas eletrônicos contratados por comerciantes com o intuito de alavancar seus negócios, como os caixas da bandeira Banco 24horas (figura 22).

Figura 22 - Localização dos caixas eletrônicos (Banco24h) em Campos dos Goytacazes



E se formos analisar o alcance das agências, ou seja, de onde as pessoas vem para acessar as agências, teremos muitos bairros que são atendidos pelos caixas eletrônicos (figura 23), o que mostra que vários bairros possuem comércios, fluxos, porém são desassistidos de agências bancárias.

Figura 23 - Alcance das agências bancárias em Campos dos Goytacazes



Isto só demonstra a lógica cada vez mais incessante pela desconcentração dos serviços bancários da figura da agência tradicional e dos custos que as mesmas trazem para os bancos, não há mais uma preocupação com a estrutura necessária para se abrir um banco, mas, por meio dos avanços técnicos da rede, é possível reduzir serviços bancários a um computador com um software que possibilite a captação de recursos para os agentes financeiros, fazendo com que muitos bairros, principalmente os mais distantes do centro, não possuam atendimento em agências se comparados àqueles que se localizam próximos ao centro da cidade.

Considerações finais

A partir das reflexões alcançadas ao longo dos capítulos deste trabalho, podemos destacar alguns pontos importantes. O primeiro deles é como o avanço técnico e das redes ocasionou grandes mudanças no setor bancário, especialmente no que diz respeito à organização espacial e à organização interna dos bancos, relembrando as dimensões de análise da rede geográfica propostas por Corrêa. Inicialmente, havia uma gestão regional, concentrada em algumas regiões metropolitanas, porém as agências também estavam localizadas nessas mesmas regiões, os bancos possuíam pouca capilaridade territorial e poucas agências por sede.

Aliado a um projeto de Estado, que buscou integrar o território nacional, por meio de infraestruturas de transporte e comunicação, tornando o território funcional à expansão ampliada do capital, temos as condições necessárias para estabelecer uma conectividade entre as agências e as sedes bancárias, dando início ao grande processo de expansão bancária no Brasil. A partir dos anos 1960, assistimos a um processo de concentração da gestão e ampliação do alcance dos bancos por todo o país, com o intuito de maior captação de depósitos e uma maior integração financeira territorial. A gestão dos bancos agora é transferida da antiga Capital Rio de Janeiro, para a cidade com maior poderio econômico, de poder e técnica do País, São Paulo.

Após a concentração crescente, temos um aumento considerável do número de agências até meados dos anos de 2010. Contudo, verificamos uma concentração das agências nos grandes centros em uma escala mais macro e, localmente, como no caso do recorte espacial de Campos dos Goytacazes, com lógicas espaciais de localização seletivas, ancoradas nas centralidades que ofereçam, ao mesmo tempo, uma boa localização (próxima aos principais eixos de circulação da cidade) e uma demanda local, para poder abarcar vários públicos nas agências. Já para as demais centralidades e localidades, por conta dos custos para se manter uma agência e pela possibilidade de prejuízos ou poucos lucros, notamos que os fixos bancários se espalham pela cidade, sejam eles correspondentes bancários ou caixas eletrônicos, vários destes instalados por meio de contratos entre as empresas e as instituições financeiras.

Dessa forma, podemos dizer que os bancos representam as centralidades das cidades? Em certa parte sim, mas não completamente. O que podemos concluir é que, por conta de uma lógica geral de organização bancária em agências voltadas apenas para locais onde haverá lucro e atividades com maior valor agregado, as agências bancárias em Campos

dos Goytacazes escolhem sim as principais centralidades, mas não todas elas, mas sim as mais rentáveis e principalmente ligadas aos principais eixos de circulação. Além desta prática de seletividade espacial, pautada na força de centralidade e de conectividade dos locais escolhidos, notamos também um comportamento de acompanhamento dos concorrentes, já que, nos locais onde há agência, dificilmente não haverá agência de outro banco nos arredores.

Interessante que não há como dissociar a importância do modal rodoviário (seja avenidas, terminais, rodoviárias etc.) das agências bancárias e a centralidade da área escolhida pelos bancos. Isso porque um local que seja uma importante área de circulação (uma rua importante, por exemplo) pode deixar de ser um local com agências e/ou não será um local com agências, caso a centralidade deste local seja insuficiente para manter a lucratividade do banco. Como exemplo disso, observamos o fechamento de uma das agências da Rua Saldanha Marinho e o encerramento estabelecido de outra agência presente neste eixo, o que tornará a Rua desassistida de serviço bancário.

Contudo, a partir de 2014, uma nova configuração se inicia, fundada especialmente na diminuição de agências, de modo que dificilmente veremos novamente uma expansão do número de agências, visto que a tendência é o encolhimento do número desse equipamento bancário, ano após ano. Em Campos dos Goytacazes, o movimento não é diferente, provavelmente não assistiremos a um aumento de agências na cidade, pois, desde 2016, se delineia uma estagnação e, nos últimos dois anos, uma diminuição notável do número de agências (de 40 para 32 agências). Então, dificilmente veremos agências se espalhando pela cidade, principalmente por conta dos novos modos de utilização dos serviços bancários, como o *mobile banking*, os correspondentes e os caixas eletrônicos, que apresentam uma maior capilaridade pelo espaço intra-urbano.

Já quando falamos de equipamentos bancários, correspondentes e caixas eletrônicos, verificamos uma melhor distribuição sobre a cidade de Campos, abarcando as principais centralidades da cidade, exprimindo diversas áreas centrais da cidade, além das que as agências bancárias exprimem. Então, podemos concluir que os bancos em Campos dos Goytacazes estão estabelecidos nas principais centralidades no que se refere à rentabilidade, onde temos o centro histórico que ainda é o principal centro econômico e de consumo da cidade, próximo aos principais terminais de ônibus. Na Pelinca, notamos uma área que possui perfis de usuários e agências segmentadas diferente das demais áreas fora do centro. Em Guarus e no Turf, notamos tipos de agência e centralidades semelhantes, são áreas que

atendem a uma demanda local, mas estão em áreas estratégicas da cidade (próximas às principais vias: Av. Tancredo Neves, Carmen Carneiro e José Carlos Pereira Pinto em Guarus e Avenida 28 de Março no Turf) e Goitacazes desempenhando um papel de subcentro, por estar mais distante da área central de Campos e atendendo principalmente os demais bairros e distritos próximos.

Por conta da grande seletividade espacial das agências, não podemos afirmar que apenas as áreas onde há agências possuem fluxos e/ou são importantes, pois estaríamos reduzindo as redes e o espaço urbano da cidade em apenas seis bairros. O que podemos afirmar é que as agências reafirmam as desigualdades socioespaciais já existentes na cidade de Campos, estabelecendo as agências em áreas próximas ao centro histórico, onde há tanto as estruturas internas (demanda local) e externas (principais vias de acesso), não se estabelecendo em locais mais afastados. Tornando os bairros mais afastados assistidos ou por própria iniciativa dos correspondentes e caixas eletrônicos ou realmente desassistidos de serviços bancários, pela falta de lucratividade se estivessem instalados nestes locais.

Quando falamos de grande parcela da população que necessita dos serviços bancários (tanto nos mapas de alcance quanto na presença de caixas eletrônicos há demanda de serviços bancários), estamos falando do direito de acesso às agências bancárias àqueles residentes em bairros afastados do centro, visto que a inexistência de agências nos locais onde moram e a dificuldade ou muita das vezes impossibilidade de se deslocar até ao centro para realizar operações simples (consultas, saques e depósitos) deve ser encarada como um direito e garantido pelo poder público. O Banco Central permite a todo cidadão brasileiro ter uma conta corrente em qualquer banco sem tarifas⁶, deve ser garantido ao mesmo tempo o acesso facilitado aos bancos, com a localização dos mesmos, não pautada somente no lucro (em especial para os bancos públicos) mas também para um atendimento digno e próximo às moradias da população de Campos dos Goytacazes, principalmente nos distritos e bairros afastados da área central da cidade. É preciso ir além, já que em um ritmo de digitalização crescente do setor, temos o aumento dos municípios desassistidos de atendimento bancário, toda a população que está financeirizada direta ou indiretamente está bem distante de não depender das estruturas físicas dos bancos.

⁶ Resolução do Banco central: https://www.bcb.gov.br/pre/normativos/res/2010/pdf/res_3919_v4_P.pdf

Referências

- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Quantidade de agências no Brasil. disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/24887-quantidade-de-agencias-no-brasil>
- _____. Quantidade de transações por canal não-presencial. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/25161-quantidade-de-transacoes-por-canal-nao-presencial>
- _____. Quantidade de transações por canal presencial. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/25151-quantidade-de-transacoes-por-canal-presencial>
- _____. Quantidade de ATMs no Brasil. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/24911-quantidade-de-atms-no-brasil>
- _____. Quantidade de Correspondentes bancários no Brasil. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/24905-quantidade-de-correspondentes-no-brasil>
- _____. Relação de Agências, Postos e Filiais de Administradoras de Consórcio. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Ffis%2Finfo%2Fagencias.asp>
- _____. Informações sobre evolução do SFN. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/evolucaosfn>
- BATISTA, H. F. **Centro e centralidade em Campos dos Goytacazes-RJ**. 2018. 254f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.
- BATISTA, H. F.; SANTOS, L. B. Campos dos Goytacazes: de uma cidade mononucleada à multi(poli)centralidade. **Brazilian Geographical Journal**, v. 9, p. 4-24, 2018.
- CASTELLS, M. **A galáxia internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- CLAUDIO, G. O. ; SANTOS, L. B. Os espaços da exclusão social na cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. **Revista Cerrados (UNIMONTES)**, v. 17, p. 66-95, 2019.
- CONTEL, F. B. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. 2006. 343f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.
- _____. **Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil**. Cad. CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 119-134, Abr. 2009.
- CORRÊA, R. L. **Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais**. Cidades, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007.
- _____. **Corporação, práticas espaciais e gestão do território**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, Vol 15. 1992. p. 35-42.
- _____. **Concentração bancária e centros de gestão do território: O CASO DO BRASIL**. II Encontro de geógrafos da América Latina. Montevidéu - Uruguai, 1989. p 1-5.

_____. **Interações espaciais.** In: CASTRO, Iná Elias de et. al (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Processo, forma e significado uma breve consideração.** Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2009. p. 1-6.

_____. **Redes geográficas: REFLEXÕES SOBRE UM TEMA PERSISTENTE.** Cidades, Presidente Prudente, v. 9, n. 16, p. 200-2018. 2012

DIAS, L. C; LENZI, M. H. **Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores.** CADERNO CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 97-117, Jan./Abr. 2009.

DIAS, L. C. D. **O correspondente bancário como estratégia de re-organização de redes bancárias e financeiras no Brasil.** Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 2, p. 384-396, agosto. 2017.

_____. **Redes: Emergência e organização.** In. Geografia: Conceitos e Temas. Orgs: Iná Elias de Castro; Paulo César da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. 2ª Ed. – Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. p. 141-162.

FEBRABAN. Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/pagina/3106/48/pt-br/pesquisa>. Acesso em ago de 2020.

FREITAS, Kêila Pirovani da Silva. **Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes, RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamento - Campos dos Goytacazes, RJ, 2011.**

HARVEY, D. O fordismo; do Fordismo à acumulação flexível. Caps. 8 e 9. In: **A condição pós-moderna.** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006, p. 121-162.

LOUREIRO, Eleonora Rodrigues; MADEIRA, Gabriel de Abreu; BADER, Fani Lea Cymrot. **Expansão dos Correspondentes Bancários no Brasil: uma análise empírica.** Trabalhos para discussão, 433. Brasília - Banco Central, 2016, p. 1-41.

OLIVEIRA, J. S. **As lógicas espaciais do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: DA ESTRUTURA ESPACIAL CONCENTRADA À MULTICENTRALIDADE SELETIVA.** 2015. 139f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - FCT/UNESP, Campus Presidente. Presidente Prudente, 2015.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. Versão digital em PDF. 94p.

SPOSITO, M. E. B. **Estruturação Urbana e Centralidade.** In: Encontro de Geógrafos de América Latina, 3, 1991. Anais. Toluca/México, v. 1. p. 44-55.

SPOSITO, M. E. B. **Segregação socioespacial e centralidade urbana.** In: A cidade contemporânea: segregação socioespacial. VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORREA, Roberto Lobato e PINTAUDI, Silvana Maria (orgs.). São Paulo: Contexto. 2018

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIDEIRA, Sandra Lúcia. **Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil.** - Guarapuava: Unicentro, 2009. 334p.

Apêndice

Modelo observação de Campo

OBSERVAÇÃO DE CAMPO – DIA 13/11/2019

LOCAL: Agências do centro histórico de campos dos Goytacazes

METODOLOGIA:

A partir de sorteio, selecionar uma agência para analisar os fluxos de entrada na agência no período de 10 (dez) minutos, alternando entre as agências. Será observado quantas pessoas entraram na agência, como chegaram, de maneira superficial (essas questões serão aprofundadas com as enquetes) o perfil das pessoas que entraram no banco durante o período analisado. No caso de agências próximas e no mesmo campo de visão, como é o caso do grupo de agências no calçadão, será observado os fluxos em ambas agências no mesmo horário.

Os horários definidos são: de 10:00 até as 14:00 (Ou até completar no mínimo duas observações por agência, como no caso do centro que foi levado até as 15:10), com intervalos de 10 minutos entre cada observação de 10 minutos (ex: Uma agencia analisada de 10:00 até 10:10, a próxima agencia será analisada de 10:20 até 10:30).

TABELA PARA PREENCHIMENTO DAS INFORMAÇÕES

N	AGÊNCIA	HORÁRIOS	FLUXO DE PESSOAS POR 10 MIN
1	Banco do Brasil Praça S.Salv.	11:40 – 11:50 15:00 – 15:10	
2	Itaú calçadão	10:40 – 10:50 13:20 – 13:30	
3	Itaú Santos Dumont	12:30 – 12:40 14:20 – 14:30	
4	Itaú 21 de Abril	11:20 – 11:30 13:00 – 13:10	
5	Bradesco Calçadão	10:00 – 10:10 14:00 – 14:10	
6	Caixa Calçadão	11:00 – 11:10 12:40 – 12:50	
7	Santander Calçadão	11:00 – 11:10 12:40 – 12:50	
8	Santander 13 de Maio	10:20 – 10:30 13:40 – 13:50	
9	Bradesco 13 de Maio	10:20 – 10:30 13:40 – 13:50	
10	Banco do Brasil 13 de Maio	12:00 – 12:10 14:40 – 14:50	

Modelo Questionário

Sexo do entrevistado: ()F ()M

1. Qual a sua idade? _____

2. De onde você vem? _____

3. Como você chega à agência?

() A pé () De ônibus () Bicicleta () Veículo próprio () aplicativo/táxi

4. Qual a principal operação realizada quando vem à agência?

() Saque

() Depósito

() Consulta de Saldo

() Pagamento de contas

() Transferência

() Falar com Gerentes

Outros _____

5. Com que frequência utiliza os serviços bancários?

() Diariamente

() Mais de uma vez na semana

() Uma vez na semana

() Quinzenalmente

() Mensalmente

() Esporadicamente

6. Por qual motivo você escolheu esta agência em especial?

_____. 7. Você tem conhecimento de aplicativos bancários? (Internet banking)

Sim () Não ()

Se sim:

7.1. Você utiliza o aplicativo do seu banco? Sim () Não ()

Se sim:

7.1.1. Qual a principal operação que realiza?

() Consulta de Saldo

() Pagamento de contas

Transferências

Falar com Gerente

Outros _____

Se não:

7.1.2. Qual o principal motivo para não utilizar o Internet Banking:

Não ter acesso à internet

Dificuldades para baixar o aplicativo

Não possuir smartphone

Não achar seguro

Outros _____

8. Após vir ao banco, realiza compras ou visita às proximidades, ou só vem ao local para realizar

serviços bancários?

9. Nível de escolaridade:

Sem nível de escolaridade

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

10. Qual a sua renda mensal:

Não possui renda

Menos de um salário mínimo

De um a três salários mínimos

De três a cinco salários mínimos

De cinco a dez salários mínimos

Mais de dez salários mínimos